

**Nós vos admiramos Maria:**

Estivestes sempre na vanguarda  
Abristes sempre o caminho para  
a Igreja e para a humanidade.

Unida à existência de Cristo,  
Vós o precedestes na terra,  
tornando-se sua Mãe.

Vós nos precedestes  
ao pé da Cruz, onde  
do Coração trespassado de vosso Filho,  
nasceu a Igreja.

Finalmente, vós nos precedeis no céu onde,  
ao contemplar o vossa bem-aventurada predestinação,  
lemos nosso próprio destino.

Vós sois o protótipo, a maquete  
da Igreja do amanhã.

Vós sois a imagem antecipada, o ícone maravilhoso  
da humanidade reconciliada.

Resumis em vós  
toda a trajetória do mundo,  
Desde a criação  
até o julgamento final. Amém.

Cardeal Roger Etchegaray,  
50 anos de episcopado, em 27 de maio de 2019.



A audácia  
da santidade  
para  
um novo elã  
missionário

# Sumário

## maio-junho de 2019

### VIDA ESPIRITUAL

- 130 Carta de 9 de maio de 2019  
Irmã Kathleen Appler, Superiora geral

### SESSÃO DAS IRMÃS ENTRE 10 E 24 ANOS DE VOCAÇÃO

- 132 Viver a fé na alegria segundo São Vicente  
Padre Roberto Gomez, cm
- 144 Viver a fé com alegria segundo Luísa de Marillac  
Irmã Carmen Urrizburu, Filha da Caridade
- 167 Pastoral da juventude vista a partir do ângulo da vocação  
“Chamados à liberdade e à busca da vocação”  
Irmã Alessandra Smerilli, Filha de Maria Auxiliadora.

### ATUALIDADES DAS PROVINCIAS

#### Testemunho das Irmãs

- 177 Sessão das Irmãs de língua inglesa na Casa Mãe de 13 a 25 janeiro de 2019  
Alegria de ser vicentina!  
Os jovens, a fé e o discernimento vocacional  
Irmã Mary Beth Kubera, Filha da Caridade

### HISTÓRIA DA COMPANHIA

#### Rumo a beatificação

- 182 Província da Guatemala  
Irmã Cecília Charrin (França 1890 - Guatemala 1973)  
A Irmã dos pobres  
Fundação “Amigos da Irmã Cecília”

**IRMÃ KATHLEEN APPLER, SUPERIORA GERAL**

Carta de 9 de maio de 2019

Queridas Irmãs,

*“Estejam todas cheias de um amor profundo que, suavemente, as plenifique de Deus e as lance no serviço dos pobres com caridade...”* (Santa Luísa, Correspondência e escritos, C.73 (L. 441) pág. 92).

Ao fazer memória de Santa Luísa de Marillac com alegria e gratidão por tudo o que ela nos deixou através de suas palavras e de seu exemplo, desejo a todas uma feliz festa. Os escritos de nossa fundadora mostram que ela compartilha consideravelmente nossas próprias esperanças, sonhos e preocupações. Portanto, invocamos a sua intercessão para nos ajudar a acolher nossa realidade e a caminhar com coragem e audácia em direção ao futuro!

Neste dia de festa, em todo mundo, algumas Filhas da Caridade pronunciarão os votos pela primeira vez. A elas e a todas, dirijo o desejo de Santa Luísa: “Desejo que sejam santas, a fim de poderem trabalhar utilmente na obra de Deus” (Santa Luísa, Correspondência e escritos, C. 257 (L. 217) pág. 298).

Também, está acontecendo na Casa Mãe a Sessão internacional de revigoração espiritual e vicentino das Irmãs de 11 a 24 anos de vocação tendo por tema: “A alegria de ser Filha da Caridade”. As 74 Irmãs vindas do mundo inteiro participam plenamente desta sessão. Hoje, elas dedicam um tempo para meditar sobre a “luz” de Santa Luísa na igreja Saint-Nicolas-des-Champs. Este dia é consagrado a ousar “cultivar a interioridade, a exemplo de Jesus que se retirava no silêncio para rezar e buscar a vontade do Pai” (DIA pág. 9). À noite, elas se unirão às Irmãs da Casa Mãe para uma celebração especial na nossa Capela. Estejam certas de que lá cada uma estará presente em espírito!

Permitam-me aproveitar desta ocasião para agradecer por suas contínuas orações de intercessão pela minha saúde e pelo êxito do meu tratamento contra o câncer. Tenho confiança na competência da equipe médica que me acompanha. Continuo a contar com suas preces por minha cura assim como pela aceitação da vontade de Deus. Com tanta fidelidade, cada uma me apresenta diante do Senhor! Sinto a força de suas intercessões e fico profundamente agradecida.

Com dedicada afeição e a certeza de minha oração,

Irmã Kathleen APPLER  
*Filha da Caridade*

**PADRE ROBERTO GOMEZ, CM**

## **Viver a fé na alegria segundo São Vicente**

### **Introdução**

*Viver a fé com alegria é possível? Será que a fé proporciona a alegria? Será que nos sentimos realizados com o serviço aos pobres? Será que São Vicente de Paulo tem algo a nos dizer a este respeito?*

Falar da alegria nos tempos atuais não é algo fácil. Os tempos estão difíceis, a violência está em toda parte, há cada vez mais barulho e vítimas. As pessoas não param de sofrer; os pobres parecem cada vez mais abandonados; contam-se apenas histórias de pessoas ricas e de sucesso. Os cristãos e os consagrados são realmente felizes? Será que vemos ao nosso redor mais cristãos que “*parecem ter escolhido viver uma Quaresma sem Páscoa*” como disse o Papa Francisco na alegria do Evangelho, nº 06?

Entrar no mistério da alegria cristã, na sabedoria da alegria cristã, não é fácil, porque a alegria é algo espiritual, não vem de fora; ou ela existe ou ela não existe. Podemos organizar festas, mas não podemos decretar a alegria (cf. Bento XVI). Já o Papa Paulo VI observou em 1975: “*A sociedade tecnológica*

*pode multiplicar as oportunidades de prazer, porém, ela tem grande dificuldade de garantir a alegria. Porque a alegria tem outra origem. Ela é espiritual. O dinheiro, o conforto, a higiene, a segurança muitas vezes não nos faltam; no entanto, o tédio, a melancolia, a tristeza são, infelizmente, o destino de muitos*"<sup>1</sup>. Sim, a alegria é frágil, imperfeita, sempre incompleta. É um paradoxo: quando se é feliz, é certo que é por pouco tempo.

Mas, concretamente, permitam-me fazer-lhes três perguntas diretas: Vocês são felizes, minhas Irmãs? Sentem ter uma vida em abundância? Ou vocês se sentem como se sobrevivessem, como se tivessem uma vida pequena, sem entusiasmo? Será que o seguimento de Cristo, o serviço dos pobres, a vida à maneira de São Vicente libertou a alegria em seu ser? Para ir mais longe em nossa reflexão, primeiro examinaremos a experiência espiritual de São Vicente. Então vamos tentar atualizar o ensinamento de São Vicente sobre o assunto. Para concluir ouviremos algumas exortações.

## **I - A EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL DE VICENTE DE PAULO**

Como o tempo é limitado neste tipo de sessão, gostaria de ir ao essencial e, para isto, reler juntos a conferência de Vicente de Paulo sobre a *"imitação das meninas do campo"*<sup>2</sup> de 25 de janeiro de 1643.

Em 1643, Vicente é um homem maduro de 63 anos. Ele já tem uma longa experiência de caridade realizada com as Damas da Caridade. A Congregação da Missão acaba de se tornar adulta, ela tem 18 anos de fundação. As Filhas da Caridade fundadas há nove anos e meio, já contam com um bom número de membros, a maioria camponesas. Algumas já haviam falecido, como é o caso de Margarida Naseau. As ruas de Paris naquela época são o epicentro das discussões mundanas. Para-se no meio da rua, cria-se intrigas, faz-se negócios e critica-se as instituições públicas. Vicente de Paulo fica na maioria das vezes, incomodado com essas intrigas. Ele não tem tempo a perder. Há muitas pessoas pobres para salvar.

Os conventos da época comportam-se da mesma maneira. Ali eram acolhidas pessoas importantes, da alta sociedade, tanto a burguesia o frequenta como as pessoas com poder. As discussões políticas são o pão diário e as conspirações em torno do poder não faltam. Os conventos são lugares de influência, pois estão cheios de "jovens de boa família da França". As Damas também estão tanto nos conventos quanto nas obras de caridade. Vicente é cauteloso diante desta situação<sup>3</sup>.

Ao falar às Filhas da Caridade, Vicente de Paulo evoca em várias ocasiões Santa Genoveva, padroeira de Paris (que é comemorada em 3 de janeiro). Nesta conferência, ele começa dizendo-lhes: *"Minhas Irmãs, tinha-me proposto falar-vos no dia de Santa Genoveva; como esta grande santa era uma pobre menina do campo, parecia-me que seria conveniente falar-vos das suas virtudes e das verdadeiras meninas da aldeia, pois aprovou à bondade de Deus ter chamado principal e primeiramente meninas da aldeia para compor a nossa Companhia"*.

Quem foi Santa Genoveva? Foi uma jovem aristocrata do século quinto, que se tornou uma referência pública importante de Paris e que exerceu seu poder em favor dos mais pobres (hoje ela é padroeira de Paris e da Polícia). Camponesa de origem tornou-se uma figura de autoridade política, religiosa e social. "Embora sendo rica e poderosa, levou uma vida de pobreza e oração, cercada por outras jovens que a ajudavam em suas responsabilidades"<sup>4</sup>. Ela salvou Paris da invasão dos Hunos de Átila e salvou os pobres de Paris da fome e da morte (na época Paris chamava-se Lutécia). Os pobres se tornaram um verdadeiro corpo social com a ajuda e proteção de Santa Genoveva. Ao evocar a figura de Santa Genoveva, Vicente quer mostrar às Filhas da Caridade, que foi uma camponesa que, com outras jovens corajosas,

salvou Paris. As camponesas que Vicente evocou na sua conferência, são de alguma maneira, as irmãs caçulas de Santa Genoveva. Vicente disse: "*Pareceu-me ... que esta grande santa, agora no céu, honrada na terra pelos reis e outras pessoas, nos faz ver que se tornou agradável a Deus pelas virtudes das verdadeiras meninas da aldeia, as quais praticou com grande perfeição*"(pág. 52)<sup>5</sup>. Como Santa Genoveva, as Filhas da Caridade devem imitar as virtudes das "verdadeiras meninas do campo". Vicente deixa claro que a bondade está voltada para a zona rural. Mas, por que a zona rural exatamente? Aos olhos de Vicente, a zona rural é um símbolo da criação desejada por Deus. As virtudes encontradas são as das bem-aventuranças; as do próprio Jesus, homem da terra, tendo crescido numa aldeia. É por experiência que Vicente fala das virtudes das aldeãs, e não por favoritismo: "*Falar-vos-ei com mais gosto das virtudes das boas aldeãs, devido ao conhecimento que delas tenho, por experiência e por natureza, sendo filho dum pobre lavrador, e tendo vivido no campo até a idade de quinze anos. Depois o nosso ministério tem sido desde há muitos anos entre os aldeãos, de tal forma que ninguém nos conhece senão por Padres da Missão. Não há nada que valha as pessoas que têm verdadeiramente o espírito dos camponeses; em parte alguma se encontra mais fé, mais recurso a Deus nas suas necessidades, mais gratidão a Ele na prosperidade*"<sup>6</sup>.

Quais são as principais virtudes das meninas do campo segundo Vicente? Quais são as Filhas da Caridade que alegram o coração de Deus, que "dão alegria para Deus"<sup>7</sup>, que agradam a Deus e lhe dão glórias?

### **Em primeiro lugar, a simplicidade.**

Ela é a virtude preferida de Vicente. Ele a chama "meu evangelho", isto é, a Boa Nova. "O espírito das verdadeiras meninas da aldeia" diz Vicente "é extremamente simples: não são obstinadas, nem usam palavras de duplo sentido; elas não são orgulhosas, nem apegadas às suas ideias; porque sua simplicidade faz acreditar simplesmente no que lhes é dito. "*É assim, minhas Filhas, que devem ser as Filhas da Caridade; nisto conhecereis se o sois verdadeiramente: se fordes muito simples; se não fordes obstinadas nas vossas opiniões, mas submissas às de outrem, muito cândidas nas vossas palavras, e se os vossos lábios, não disserem uma coisa enquanto o coração sente outra. Ó minhas queridas Irmãs, eu quero crer isto de vós. Deus seja bendito! Deus seja bendito, minhas Filhas!*"<sup>8</sup>.

Observemos com a atenção a linguagem e a diferença que existe entre o modo de falar do século XVII e o nosso. Eu sei, por exemplo, que a palavra submissão não é bem apreciada hoje em muitas culturas. Entretanto, se alguém tentar entender o verdadeiro significado das palavras de Vicente, pode-se facilmente compreender a riqueza e a força de seu ensinamento. Direi isto de maneira negativa: *não é verdade que perdemos a alegria na fé e no serviço por falta de humildade?* Perdemos a paz quando queremos impor nosso ponto de vista, quando predomina em nós uma espécie de "bipolaridade virtuosa"? Ou seja, quando ao servir os pobres como Filhas da Caridade, há uma espécie de tentação não assumida de ganhar a glória para si mesmo, de se importar tanto com os outros quanto com a própria reputação? Na verdade, esquecemos que a alegria no serviço está do lado da gratuidade. Em resumo, sofremos e perdemos a alegria por falta de simplicidade.

### **Em segundo lugar, a humildade.**

Esta é a segunda virtude que Vicente propõe às Filhas da Caridade na imitação das meninas do campo: "*Nota-se nas verdadeiras meninas do campo uma grande humildade; não se gloriam do que têm, não falam dos seus parentes, não pensam ter inteligência, procedem com simplicidade; e embora algumas possuam mais qualidades do que outras, não se envaidecem, antes se dão igualmente com todas*"<sup>9</sup>. O que

devemos destacar desta primeira explicação do nosso Padre Vicente? A unidade e a fraternidade, eu diria, caminham juntas. Não há nada que prejudique mais o espírito desejado por São Vicente, inspirando-se no evangelho, que o espírito de rivalidade e o faz agir para esmagar os outros. A "suficiência" da qual Vicente fala é prejudicial e ofensiva. Ela não constrói, pelo contrário destrói.

Existe outro aspecto que Vicente observa a respeito desta virtude: *"a humildade das boas camponesas impede também que tenham ambições, falo "das boas" porque bem sei que nem todas são virtuosas e que mesmo nos campos há algumas com o espírito tão ambicioso como as das cidades, mas refiro-me sempre às boas, às que de forma alguma tenham contraído o espírito das cidades. Essas portanto, minhas queridas Irmãs, não querem senão o que Deus lhes deu, não desejam mais grandeza, nem mais riqueza do que a que possuem, - contentando-se com o seu alimento e o seu vestuário. Não pensam em dizer bonitas palavras, antes falam com humildade... A sua maneira de falar é simples e sincera. Ó minhas Filhas, como deve ser amada esta santa virtude da humildade, que faz que se não experimente desgosto quando se é desprezado e que nos leva até a amar os desprezados!... e conhecereis se sois verdadeiras Filhas da Caridade, se fordes muito humildes, se não tiverdes ambição, nem presunção, se não vos julgardes mais do que sois, nem mais do que os outros, quer quanto ao físico, quer quanto à inteligência, família ou bens, ou ainda quanto à virtude, que seria a mais perigosa ambição..."*<sup>10</sup> Vicente de Paulo é concreto e realista. Ele conhece as pessoas e as almas e por isto ele fala dessa maneira. Destaco simplesmente a questão da ambição tão bem classificada por nosso Pai. Não há nada que divida mais uma Comunidade do que a ambição acompanhada pela falta de humildade. Ambição gera tristeza e frustração na pessoa e nos outros; em vez de produzir paz, causa ansiedade e tristeza. Pior ainda, a ambição se alimenta de inveja, ciúme e rivalidade.

Não é verdade que perdemos a alegria na fé e no serviço dos pobres quando falta a simplicidade e quando a ambição se instala? Não nos esqueçamos de que Cristo escolheu o último lugar, veio para servir e não para ser servido, lavou os pés de seus discípulos sendo ao mesmo tempo o Mestre e Senhor.

### **Em terceiro lugar, a sobriedade.**

Neste ponto, Padre Vicente é realista e exigente. Realista, porque Vicente reconhece que para servir aos pobres é preciso estar bem alimentado. Para levar a sopa aos pobres e carregar o saco pesado nas costas, é necessário ter forças e estar bem alimentado. Ele convida suas filhas a reconhecerem isso: *"Ah! Minhas Irmãs, não imagineis que vos alimentais pior que as pessoas de fora. Em todos os tempos tem havido pessoas que se alimentam muito pior que vós, e que têm de trabalhar"*<sup>11</sup>. Que realismo do nosso pai Vicente, não é verdade minhas irmãs?

Nosso pai Vicente é também exigente porque pede às Filhas da Caridade a sobriedade no comer e na maneira de se vestir. Ele convida a se contentar com o pouco e a pensar que existe sempre aqueles que estão em piores condições que nós: *"Ó minhas Filhas, como a sobriedade é necessária às Filhas da Caridade! Conhecereis se o sois verdadeiramente, se conservardes esta sobriedade das meninas da aldeia e particularmente das que desde o princípio foram chamadas a servir os pobres, porque essas viviam com grande sobriedade"*<sup>12</sup>. Nesta citação, vemos claramente que a sobriedade está relacionada com o serviço dos pobres. De fato, como servir os pobres na alegria, se não compartilhamos de uma maneira ou de outra sua condição? A sobriedade é uma maneira de compartilhar a sorte dos pobres e isto é, tem uma diferença: somos sóbrios por uma opção evangélica, os pobres o são por necessidade. Muitas vezes, no Ocidente, os pobres são definidos de forma negativa, dizendo-se que *"o pobre é todo aquele que não existe aquele que nada possui"*<sup>13</sup>. Reduzir a pessoa pobre ao que lhe falta, na realidade é desrespeitá-lo, não reconhecer sua

dignidade. Pior ainda, impomos aos pobres a ideia de que para ser feliz, deve-se ser rico, poderoso, viver na abundância. É uma maneira negativa e inadequada de definir os pobres! De acordo com a antropologia de Vicente de Paulo e do pensamento vicentino, deve-se dizer que o pobre É alguém, que POSSUI uma visão do mundo, de humanidade e de Deus. Algo pode nos faltar e ainda assim podemos ser um pleno membro da sociedade e construtor da história, não é verdade? As carências podem ser penosas ou não. Por exemplo, não ter a marca mais badalada de sapatos, isto não é importante. No entanto, a falta de pão, de educação, isto sim é destrutivo. O significado do nosso compromisso com os pobres é duplo: por um lado, compartilhando a vida, dos valores e de suas condições, dizemos a eles que a sua maneira de viver nos interessa, que também é a escolha feita pelo Filho de Deus que se encarnou em um ser pobre e sóbrio. Por outro lado, lutamos com nossos irmãos na pobreza para preencher as lacunas que destroem sua dignidade como pessoas e filhos de Deus.

Vicente de Paulo também convida suas Filhas a amar a pobreza e a praticá-la. Ele as convida igualmente a manter a modéstia na maneira de se vestir e nos relacionamentos. Lembra-lhes também a importância da pureza. Parece-me que tudo isso caminha junto: sobriedade, pobreza, modéstia, pureza. Como manter a alegria da fé no serviço dos pobres se cultivássemos o contrário: excesso, ostentação, ambição e indecência. Aquele que foi chamado pelo Cristo livremente, deve saber como confiar nele em cada etapa da vida. Confiar no Senhor, mesmo nas situações mais difíceis, faz parte da alegre aventura da fé.

#### **Em quarto lugar, a obediência.**

*"Ó minhas Filhas, esta virtude é para vós tanto ou mais necessária que qualquer outra, pois a deveis praticar igualmente nas coisas difíceis como nas fáceis... Sede fáceis e dóceis à direção de Deus como um cavalo ao seu cavaleiro... Não há maior obediência que a das verdadeiras aldeãs.... Mas sabeis, minhas Filhas, como deveis fazer esses atos de obediência? Com alegria, mansidão, caridade, e não para vos verdes livres, nem com negligência, mas com fervor tal que testemunheis não querer poupar o vosso corpo no serviço de Deus, ajudando aos Seus pobres, e sem considerar os lugares onde vos enviam, nem as pessoas que vos mandam, mas estar sempre prontas a mudar de lugar, quer seja Paris ou os campos, um lugar próximo ou afastado. Assim, minhas queridas Irmãs, sereis verdadeiras Filhas da Caridade, imitareis Nosso Senhor e a Santíssima Virgem em sua obediência..."<sup>14</sup>.*

A obediência bem vivida oferece alegria e liberdade. A obediência mal vivida é fonte de tristeza, de angústia e de conflito. Obedecer com alegria, amor e caridade, tal é o ensinamento do nosso fundador. Aquelas que exercem a autoridade devem fazê-la de maneira semelhante. O resto dispensa comentários.

## **II - TENTATIVA DE INTERPRETAÇÃO ATUALIZADA DO PENSAMENTO DE SÃO VICENTE DE PAULO**

O que podemos destacar desta conferência do Padre Vicente? Por que ele fala as suas Filhas desta maneira?

Reconhecemos muito bem o estilo de Vicente de Paulo e a maneira como ele fala às suas Filhas: com respeito, amor, seriedade. Ele fala de maneira simples e concreta. Ele utiliza imagens e, melhor ainda, cria FIGURAS propostas como modelos a seguir; de verdadeiros paradigmas. Santa Genoveva, sendo uma aldeã, comprometida com a santidade, servindo os pobres de Paris, salvando-os assim como a outros

jovens, torna-se um modelo a imitar para as Filhas da Caridade. Genoveva é uma espécie de irmã mais velha em vocação e engajamento. Ela é uma referência, um paradigma. Logo, se uma camponesa pode se comprometer com sua fé no serviço dos pobres no século V, XVII e XVIII, continua sendo possível ainda hoje no século XXI, sob a condição de imitar as virtudes das meninas do campo. De outro lado, Vicente conhecendo os vícios e as tramoias da sociedade parisiense de sua época, faz a escolha pelo campo. O campo representa para ele a bondade e a beleza da criação primeira, o mundo desejado por Deus. A vida no campo, com suas dificuldades e inclusive com suas violências, é o lugar em que se vive melhor os valores queridos pelo Criador. A natureza está do lado da autenticidade, do essencial e não das aparências, da mentira. Ao fazer a escolha dos valores e das virtudes do mundo dos pobres camponeses (simplicidade, humildade, sobriedade, pobreza, modéstia, pureza e obediência), Vicente coloca as Filhas da Caridade do lado do ato criador de Deus, do lado de Deus que cria e renova a partir do caos inicial. O caos do século XVII precisa de mulheres capazes de uma tal missão! Como o Cristo e no seu seguimento, colaboramos com a salvação de todos, a redenção da humanidade, a sua libertação. Eis aqui sua vocação primeira através da qual cada uma pode se realizar como mulher e como Filha da Caridade, ou seja, como Filhas de Deus. Filhas do amor. Gostaria de compartilhar agora, algumas reflexões em forma de atualização.

Vicente de Paulo começa levando a sério o chamado que as Filhas da Caridade receberam de Deus. Ele sabe que em toda vocação, há algo de misterioso, melhor ainda, algo de místico. Quantas vezes ele explicou, em suas conferências às Filhas da Caridade e aos Padres da missão, que não foi ele que desejou criar as instituições para os serviços dos pobres, mas, sim Deus, e unicamente Deus que, em seus desígnios, pensou em nós para cumprir esta missão. Esta é a mística! O místico é aquele que faz a experiência de Deus, aquele que “faz uma experiência interior do divino”<sup>15</sup>. Vicente fez esta experiência e, quando a primeira Filha da Caridade se apresenta a ele, ele leva a sério e discerne rapidamente o projeto de Deus para ela. Como Santa Genoveva, Margarida Naseau é uma jovem camponesa que alegra o coração de Deus devido a intensidade das respostas aos apelos de Deus. Ao falar dela após a sua morte, Vicente de Paulo disse: *“a sua caridade foi tão grande que morreu por ter deitado na sua própria cama uma pobre menina doente da peste. Atacada do mesmo mal, despediu-se da Irmã que estava com ela, como se tivesse previsto a sua morte, e foi para São Luís com o coração cheio de alegria e de conformidade com a Vontade de Deus”*<sup>16</sup>.

*Será que levamos ainda a sério nosso próprio chamado? Nós o fizemos uma vez quando deixamos tudo. Contudo, será que nós nos esquecemos deste primeiro amor? A intensidade desta chama interior continua ainda viva? Permitam-me compartilhar uma íntima convicção: em matéria de vocação e de santidade, tudo é uma questão de INTENSIDADE. O chamado que Deus nos fez é uma fonte de alegria, um chamado para a alegria. “A aspiração pela alegria está impressa no íntimo do ser humano. Além das satisfações imediatas e passageiras, o nosso coração procura a alegria profunda, total e duradoura, que possa dar “sabor” à existência”*<sup>17</sup>.

O autêntico serviço dos pobres e a alegria de acreditar só têm sentido na liberdade. Ao propor as virtudes das meninas do campo e o exemplo de Santa Genoveva, Vicente de Paulo quer suscitar a liberdade. Amar a Deus é possível e, servi-Lo em suas criaturas, nos mais abandonados só tem sentido se “realmente quisermos fazê-lo”. Quando temos diante de nós o engajamento da liberdade e todo o nosso ser a serviço de um projeto de fé, podemos ser mais generosos, mais dedicados e, portanto, mais capazes de suportar as contrariedades e os sofrimentos. O sofrimento não arranca a alegria profunda de uma escolha feita com confiança e amor. Assim, Nosso Senhor Jesus Cristo, sofrendo sua agonia no Getsêmani, suplica: *“Pai, se é de vosso agrado, afastai de mim este cálice! Mas, ele imediatamente completa a frase: Não se faça, todavia a minha vontade, mas sim a vossa”* (Lc 22,42). Jesus comprometeu sua liberdade de uma vez por todas. Ele foi obediente até a morte na cruz. Obediência para Ele é uma paixão e não uma

obrigação. A instauração do Reino de Deus deve passar pela cruz. Nada, nem mesmo a morte, o afasta de seu projeto salvífico e redentor. "Em Deus, tudo é alegria, porque tudo é amor"<sup>18</sup>. Minhas Irmãs, lembremo-nos de que Deus desejou muito fazer a Aliança conosco uma vez por todas. No entanto, às vezes, quebramos essa aliança como Simão Pedro o fez, ao negar seu mestre no início de sua paixão. Lembremo-nos de que Jesus ressuscitado renova a Aliança com Pedro, que por três vezes, renovou o seu amor, embora Pedro o tivesse negado também três vezes. Não nos esqueçamos, minhas Irmãs, de que engajamos a nossa liberdade em um projeto de amor a Deus e ao próximo, porque entendemos que *"prometer um amor que dure para sempre é possível, quando se descobre um desígnio maior que os próprios projetos"*<sup>19</sup>.

Quando Vicente faz um apelo às virtudes da simplicidade, da humildade, da sobriedade, da pureza e da obediência, ele busca construir a fraternidade em uma dupla direção: entre las Irmãs e com os pobres.

### ***Em primeiro lugar a fraternidade entre as Irmãs:***

A unidade fraterna se constrói pela comunhão dos sentimentos e dos valores. Suponhamos que cada Filha da Caridade queira servir os pobres a sua maneira, sem levar em conta as virtudes antes mencionadas. Imaginem como seria isto? Divisões, invejas, rivalidades, ciúmes, disputas...e no final das contas os pobres ficariam abandonados. O que é algo totalmente contrário da obra inicial da criação. Na criação existe harmonia apesar das diferenças. Há um só criador e tudo existe para a glória de Deus e a salvação do mundo. A alegria de acreditar e a alegria de servir os pobres encontram sua fonte no amor de Deus. De modo geral, se amarmos da maneira de Jesus seremos humanamente e de forma duradoura felizes, ou seja, doando-nos com generosidade, servindo por amor e não pela rivalidade e, sobretudo, desapegando-nos de nós mesmos. Todas as virtudes apresentadas pelo nosso pai Vicente nos fazem sair de nós mesmos para adotar o projeto de Jesus, sua paixão pelo Reino de Deus e seus valores. Com o Cristo, não se trata mais de ser feliz por si mesmo, mas de o ser transcendendo a si mesmo e adotando o projeto do Filho de Deus. Bento XVI disse aos jovens: *"O amor produz alegria, e a alegria é uma forma de amor. A beata Madre Teresa de Calcutá, fazendo eco às palavras de Jesus: 'A felicidade está mais em dar do que em receber!' (Atos 20, 35), dizia: 'alegria é uma rede de amor para capturar as almas. Deus ama quem dá com alegria. Quem dá com alegria dá mais'"*<sup>20</sup>.

Finalmente, as virtudes propostas por Vicente tendem a manter as primeiras Filhas da Caridade (e a cada uma atualmente) do lado do desejo e não da obrigação<sup>21</sup>. Vicente de Paulo não coloca em primeiro lugar as engrenagens do funcionamento de uma instituição, ou seja, as obrigações, os direitos e os deveres. Ele coloca em primeiro lugar o espírito fundador, o primeiro elã, a primeira intuição. A fé e o serviço aos pobres perduram, graças a uma paixão presente nas Irmãs reunidas para honrar o Filho de Deus através dos pequenos serviços. Sem a força e intensidade das virtudes teológicas (praticadas pelo Filho de Deus e pela Virgem Maria), o primeiro elã, o primeiro desejo e a primeira intuição desaparecem.

### ***Em segundo lugar, a fraternidade com os pobres:***

As virtudes das meninas do campo também possibilitam a fraternidade com os pobres. Sem essas virtudes, seria muito difícil para os pobres aceitarem nossos serviços e dedicação. Sem as virtudes, que são aquelas praticadas pelo Filho de Deus e sua santa Mãe, corremos o perigo de nos comportar muito rapidamente como superiores e patrões, esquecendo-nos de que os pobres são nossos "senhores e senhores" e que eles são para nós Jesus Cristo encarnado e sofredor. Sem as virtudes vicentinas, corremos o sério risco de "transformar o serviço em poder e o poder em mercadoria de lucro", como o Papa

Francisco tão bem disse aos Cardeais da Cúria Romana, na Sala Clementina, 12 de dezembro de 2014. Minhas Irmãs, gostaria de que quando for possível, aqui mesmo ou de volta para casa, cada uma lesse este discurso do Papa sobre "doenças espirituais"<sup>22</sup> sem sugerir que vocês estão contaminadas. Pela minha parte, fiz o meu exame de consciência e confesso ter pelo menos treze e meio...

### III - EXORTAÇÃO FINAL

Passo a palavra ao nosso pai Vicente para concluir esta reflexão: *“Em nome de Deus, minhas Filhas, prestai atenção à obrigação que tendes de vos tornardes virtuosas, se quiserdes que Deus vos conceda a graça de serdes verdadeiras Filhas da Caridade... Sim, minhas Filhas, repito-o: ser chamada por Deus para uma obra tão santa e não reconhecer esta graça pelo cumprimento das suas obrigações, isto mereceria ser chorado com lágrimas de sangue... Oh! Que desgraça seria para vós, se por vossa culpa, perdêsseis a vossa vocação ou se por covardia não procurásseis adquirir a perfeição que Deus quer naquelas que O servirão nesta condição!”*<sup>23</sup>.

Padre Roberto GOMEZ, CM

#### Notas:

<sup>1</sup> Paulo VI, Exortação apostólica Gaudete in Domino, p. 9, 1975.

<sup>2</sup> SV, conf. de 25 de janeiro de 1643, pág. 51 - 60.

<sup>3</sup> Sirvo-me das anotações de Jean-François Desclaux cm, sobre esta conferência.

<sup>4</sup> cf. [https://diocese92.fr/documents/pdf/resume\\_de\\_la\\_vie\\_de\\_sainte\\_genevieve\\_pour\\_les\\_adultes-2.pdf](https://diocese92.fr/documents/pdf/resume_de_la_vie_de_sainte_genevieve_pour_les_adultes-2.pdf), vue le 26 avril 2019.

<sup>5</sup> cf. conf. de 25 de janeiro de 1643, imitação das meninas do campo, pág. 52

<sup>6</sup> SV, conf. de 25 de janeiro de 1643 - “Sobre a Imitação das meninas do campo” pág. 52

<sup>7</sup> cf. SV, conf. de 11 de julho (1646-1649), pág. 238-241.

<sup>8</sup> SV, conf. 25 de janeiro de 1643 - “Sobre a Imitação das meninas do campo” pág. 52

<sup>9</sup> Ibidem.

<sup>10</sup> SV, Conf. 25 de janeiro de 1643 – “Sobre a Imitação das meninas do campo” pág. 53.

<sup>11</sup> Idem, pág. 54

<sup>12</sup> Ibidem., pág. 54

<sup>13</sup> Eu me inspiro amplamente no pensamento de Federico CARRASQUILLA, padre da Arquidiocese de Medelim, na Colômbia, que produz uma série de reflexão sobre a antropologia do pobre a partir do ponto de vista latino-americano. Ele escreveu um livro onde apresenta muito bem esta questão: *Escutemos o pobre*. Contribuições para uma antropologia do pobre. Centro de Investigações sociais, assessores socioeconômicos, Medelim, 1996. Esta obra pode ser encontrada na internet no seguinte endereço: <https://jesuitas.lat/uploads/antropologia-del-pobre/FEDERICO%20CARRASQUILLA%20-%201996%20%20ANTROPOLOGA%20DEL%20POBRE.pdf>. Consultado em 27 de abril de 2019.

<sup>14</sup> Idem, pág. 90-92.

<sup>15</sup> Louis COGNET, *Le crépuscule des mystiques*, Paris, Desclée, 1991, pág. 22.

<sup>16</sup> SV, conf. sobre as virtudes de Margarida Naseau, julho de 1642, pág. 50 e 51.

<sup>17</sup> Bento XVI, Mensagem do Papa Bento XVI para a XXVII jornada mundial da juventude 2012.

<sup>18</sup> Paulo VI, Exortação apostólica Gaudete in Domino, nº 76, 1975.

<sup>19</sup> Papa Francisco, *Lumen Fidei*, nº 52,

<sup>20</sup> Idem.

<sup>21</sup> Continuo citando as observações do Padre Jean-François DESCLAUX cm.

<sup>22</sup> [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/december/documents/papa-francesco\\_20141222\\_curia-romana.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/december/documents/papa-francesco_20141222_curia-romana.html) consultado em 27 de abril de 2019.

<sup>23</sup> SV, conf. de 25 de janeiro de 1643, sobre a imitação das meninas do campo, pág. 59.

#### IRMÃ CARMEN URRIZBURU, FILHA DA CARIDADE

### **Viver a fé com alegria segundo Luísa de Marillac**

Para mim, é sempre um prazer e uma alegria refletir sobre os escritos e biografias de Luísa de Marillac. Gosto muito de ficar em silêncio, numa atitude de escuta, na expectativa de que ela se revele a

mim. Sempre sou surpreendida. Gosto de descobrir algo novo, algo que nunca foi dito. Foi o que aconteceu comigo quando lhe perguntei como ela vivia a alegria.

Antes de começar, direi que a visão que posso ter é limitada porque as fontes que temos também o são. Tive acesso apenas às cartas que ela escreveu e recebeu de seus interlocutores, seus escritos íntimos e seu primeiro biógrafo. Para ter uma visão mais completa, precisaríamos de outros depoimentos que não possuímos hoje. No entanto, a abordagem que vamos realizar me parece interessante e muito sugestiva.

Ao escrever sobre o tema decidi, deliberadamente, inserir no texto muitos fragmentos textuais da nossa fundadora. Penso que é bom deixá-la falar por si mesma. Parece-me oportuno revelar seus pensamentos, suas experiências, seus critérios conforme ela mesma os escreveu. Tenho a impressão de que eles ainda são pouco conhecidos. Eles nos revelam toda a riqueza de sua personalidade, a profundidade de sua espiritualidade, a grande cultura que Luísa possuía e, além disso, acredito que ainda são atuais.

Quero aprofundar o conhecimento sobre como Luísa viveu a alegria e de qual raiz ela brotou. Eu também gostaria que cada uma de nós pudesse vê-la como um espelho, que nos encorajássemos umas às outras a percorrer um caminho virgem, onde cada uma possa se aproximar da plenitude. Que sejamos capazes de ver a vida com todo o seu esplendor.

## **1. SOBRE O QUE FALAMOS QUANDO UTILIZAMOS A PALAVRA “ALEGRIA”**

Proponho à sua consideração uma breve metáfora.

“Aconteceu nas primeiras horas de uma linda manhã. Ele decidiu começar a brincar com a areia, na beira do grande rio. Feliz, entusiasmado, sereno e majestoso, sentia-se jovial, cheio de amor, dado à alegria, criativo e mágico. Suas mãos, que espalhavam ternura, pegaram um punhado de terra úmida e amassaram o barro com infinito carinho. O barulhinho da água, o leve toque de luz, a calma e a serenidade davam um ambiente à cena. Ele saboreou o contato de sua pele com a areia, sentiu a carícia da umidade, ficou em êxtase de felicidade quando uma figura bonita tomou forma em seu colo. Dentro dele emanou o amor, um amor imenso e intenso. Lentamente, ele olhou com muita atenção para o contorno da figura que achou atraente e bonita. Ele se aproximou, aspirou profundamente e soprou para dentro dela, olhou para ela de novo, de novo e, novamente! Ó, prodígio! Ela se tornou um ser vivo que se voltou para Ele, que a buscou, se levantou como se desejasse receber um beijo. Era a sua criação, sua criatura. Que delícia! Em seu rosto, desenhou-se um sorriso largo, luminoso, que despertou outro igual na criatura. Em êxtase, num olhar recíproco, perceberam que estavam unidos desde o mais profundo do seu ser e uma imensa alegria os invadiu. Os primeiros acordes surgiram de uma música alegre e misteriosa. Seus pés começaram a se mover; suas silhuetas começaram a se mover graciosamente; seus braços se levantaram com vitalidade. Eles mergulharam em uma dança maravilhosa e sem fim. Desde então, a mais completa bondade, beleza, alegria e felicidade permaneceram definitivamente impressas na criatura e permanecem nela para sempre.

Esta história evoca uma página maravilhosa da antropologia cristã, herdeira da cultura hebraica, da qual todas nós compartilhamos. Nesta história está claro que o ser humano tem sua origem em Deus que o cria por amor, a criação está intimamente unida ao Criador, está constantemente voltada para o Criador e percebe que a Ele pertence totalmente. Ela sabe que é um ser inacabado, que está em processo de crescimento em direção à sua plenitude; ela sabe que é um ser finito sujeito à tentação, que nesse

processo pode contar com a colaboração de Deus, que está rodeada de beleza, de cuidados, de alegria e felicidade.

Partimos desta antropologia para delimitar o conteúdo que daremos à palavra "alegria" nesta reflexão. Coloco-me numa perspectiva que privilegia a realidade, a pessoa considerada em sua totalidade, levando em conta, portanto, sua essência, sua relação autêntica e original com seu Criador e o sentido de sua vida, sua rica afetividade e também sua irresistível inclinação para a espiritualidade.

A alegria é geralmente definida como um sentimento agradável e vivo que, quando aparece, dá ao rosto um brilho especial e se expressa por meio de sinais exteriores. É o sentimento de satisfação que ocorre diante de algo agradável. Uma paixão cheia de vida, transbordando de energia e pelo prazer de viver. Uma energia que estimula o ser humano, desperta o que está vivo nele e tem efeitos terapêuticos quando se vê diante das chagas ou ofensas. Um estado de espírito que é acompanhado pelo bem-estar pessoal. É uma manifestação do ser, da criatividade, da expressão de uma vida plena, de uma pessoa saudável que está cheia de confiança em si mesma e vive um relacionamento harmonioso com Deus. Qualquer pessoa pode experimentar a alegria e, em momentos específicos, com tanta intensidade que não pode deixar de se expressar, mesmo através de seu corpo, por gestos e movimentos, daí a conhecida expressão dar "pulos de alegria"<sup>1</sup>.

A alegria é também "*a resposta do ser na busca de sentido*"<sup>2</sup>. Portanto, é acessível a todas as pessoas que desejam ser elas mesmas e que colocam todos os meios em prática para consegui-la, que são conscientes de serem a imagem de Deus, que se atrevem a concretizar essa imagem de maneira mais completa possível. Elas se comprometem em seu processo de crescimento e encontram a resposta para as seguintes perguntas: "*quem sou eu?*" *De onde eu venho?* "*Para onde vou?*".

Dito isto, focar sua existência em direção à plenitude e, portanto, poder saborear a alegria a qual somos chamadas, de acordo com a antropologia que nos inspira aqui, exige que encontremos o lugar certo e a atitude adequada em relação ao que somos, e nos deixemos desafiar pelo imperativo: "*é necessário nascer de novo*"<sup>3</sup>. Há quem possa falar de alegrias de baixa intensidade, "à flor da pele", evitando o perigo, aproveitando do que já foi adquirido e investindo o esforço adequado e necessário. Teilhard de Chardin chama de "inflatados" os que, com uma consciência clara de quem são, escolhem desfrutar da "alegria do crescimento," da transformação. Porque a pessoa feliz é aquela que "*sem buscar diretamente a felicidade, encontra inevitavelmente a alegria como acréscimo, no próprio ato de alcançar a plenitude e o ponto supremo de si mesmo, avançando*"<sup>4</sup>.

Cada pessoa, dependendo da formação recebida, dos valores que a orientam e das escolhas que ela faz, coloca o sentido de sua vida em um horizonte que pode ou não conectá-la com a sua plenitude e gerar ou não a alegria que lhe corresponde. Cada pessoa também desenvolve uma determinada sensibilidade para poder viver e sentir alegria. O que é mais importante para ela, o que ocupa o centro de seus interesses, despertará sua atenção para perceber alguns detalhes que a tornam presente. O que ocupa um lugar menos central passará facilmente despercebido. Para isso, é necessário cuidar e desenvolver a sensibilidade para a alegria; escolhê-la e colocá-la no centro da nossa vida o que nos permitirá experimentar a alegria mais sublime.

Visto o título da conferência na qual somos convidadas a descobrir "*Viver a fé com alegria*", devemos ter em mente que a dimensão afetiva de uma pessoa pode ser iluminada e fortalecida pelo Espírito se ela aceitar o desafio de "*nascer de novo*". A alegria é um dos frutos do Espírito que orienta a

existência para a plenitude. Ela emana do Amor e não se extingue diante dos problemas. A fé em Jesus Cristo coloca todo ser humano nesta perspectiva porque Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida. Ele, a imagem do Deus invisível que veio para que todo ser humano "*tenha vida, e vida em abundância*"<sup>5</sup>. A adesão livre e alegre à pessoa de Jesus Cristo gera vida, uma vida plena e definitiva<sup>6</sup> que brota de uma alegria que ninguém poderá tirar<sup>7</sup>.

## **2. UM PROCESSO EM DIREÇÃO A “UMA FÉ VIVA E PLENA DE CONFIANÇA”**

Luísa de Marillac era uma mulher de fé. Ela nasceu em uma família nobre, católica, que estava ativamente envolvida na nascente corrente de renovação promovida pela Igreja francesa.

Ela foi batizada logo após o nascimento e recebeu o dom da fé. No Mosteiro real de São Luís de Poissy, ela se beneficiou de uma excelente educação. De acordo com a prática da época, ela aprendeu sobre as verdades da fé cristã que serviram como critério para selecionar os elementos da cultura a serem transmitidos em programas educacionais. Os vários catecismos usados continham todas essas verdades em maior ou menor grau, dependendo do público para os quais eram orientados. Naquela época, circulavam catecismos de muito boa qualidade. Além do conhecimento de assuntos básicos sobre a fé cristã, no Mosteiro Real, ela contemplou as ilustrações que mostravam o valor da caridade para com os pobres. Pessoas famosas em contato com o convento, tal como o Santo Rei Luís IX, São Domingos e Santa Catarina de Sena estavam presentes em afrescos, vitrais, imagens, em livros e manuscritos, prestando socorro aos pobres, visitando-os, alimentando-os, lavando-lhes os pés e beijando-lhes as chagas<sup>8</sup>. Esta formação foi completada pelos tempos litúrgicos e devocionais. O culto na Igreja gótica do convento foi muito impressionante e permitiu-lhe perceber o significado do transcendente. A Irmã Charpy nos conta que Luísa recebeu uma "*profunda formação religiosa; ela aprendeu a conhecer Jesus Cristo, a amá-lo, a comunicar-se com ele na oração e a servi-lo nos pobres*"<sup>9</sup>.

Já adolescente, na pensão de uma "*senhora devota*", as escolhas que ela fez orientaram sua personalidade para a espiritualidade e sentiu um ardente desejo de entrar nas Capuchinhas, projeto que fracassou após o discernimento vivido com o primeiro diretor espiritual Honoré de Champigny. Então, com a ajuda de seus tios, ela se comprometeu em matrimônio<sup>10</sup>. Durante sua vida como esposa e mãe, ela continuou a nutrir uma intensa vida espiritual através da leitura, da ascese, da oração e da prática de obras da caridade. Seu primeiro biógrafo nos diz que esse estilo de vida lhe trouxe muita "*alegria*"<sup>11</sup>.

Podemos dizer que ela viveu e cultivou uma fé aprendida e bem cultivada, vivida como um conjunto de crenças, um determinado comportamento moral e a participação no culto. Muitas outras mulheres do seu meio social viviam dessa maneira. Mas essa fé, que poderíamos dizer herdada, embora valiosíssima, estava condenada a uma transformação que colocaria em prova toda a sua pessoa.

Animada pelo desejo de plenitude que ela guardava no fundo do seu ser, permaneceu insatisfeita. Faltava-lhe "*alguma coisa*". Ela não experimentou a alegria da vida, ela aspirava ser feliz. O que para ela era seguro até agora, começou a ficar instável. Ela multiplicou suas penitências, o tempo dedicado à oração e meditação, à introspecção. Ela pediu conselhos ao diretor, mas não conseguiu acalmar sua mente. Ela não tinha gosto por nada. As circunstâncias familiares, sociais e políticas estavam configurando um novo cenário. Neste contexto, um estágio crítico de crescimento apareceu pela primeira vez em que suas crenças, sua segurança, suas estruturas afetivas e intelectuais, seus padrões de pensamento, sua concepção de si mesma e a imagem de Deus tudo foi posto à prova. Guiada inconscientemente pelo

desenvolvimento dinâmico de seu ser, mergulhou na crise, não a evitou. Foi uma crise de identidade pessoal que se manifestou sob a forma de uma crise espiritual, como uma crise de fé.

Luísa progredia na disposição de conhecer a si mesma. Ela percebia como toda a sua pessoa estava voltada para Deus com força e amor. Ela se sentia "*impelida pelo desejo de doar-se a Deus*"<sup>12</sup> e tentou, da maneira como aprendera até então, mas pareceu-lhe que Deus não estava respondendo; ela estava esperando algo mais da vida e de Deus. Sofreu "*grande abatimento de espírito*"<sup>13</sup>. Seu tio Miguel a aconselhou: "*sem querer força-Lo a vos dar mais graças que as que queira conceder-vos*"<sup>14</sup>. Ele insistiu: "*é bom fazer-se a experiência de que Deus não está preso aos nossos desígnios e propostas. Quem o procura, encontra-O, em toda parte, na maneira em que Ele quer se comunicar e não no modo em que se imagina lhe seja útil e proveitoso*"<sup>15</sup>. Ela evocou o seu desejo de juventude não realizado de entrar nas Capuchinhas. Ela acompanhou a doença do marido, a lenta maturação de seu filho. Ela pensou que tudo isso estava relacionado ao fato de não ter respondido ao primeiro chamado. Sentia-se incapaz de agradar a Deus como tão ardentemente desejava. O sentimento de culpa a atormentava. A noite ficou mais e mais obscura.

Por fim, inesperadamente, *a Luz de Pentecostes* iluminou sua vida interior<sup>16</sup>. Em 4 de junho de 1623, Luísa entendeu que algo novo nascia em sua alma, uma presença que "*esclareceu*" seu "*espírito*"; que lhe trouxe "*certezas*" em relação às suas "*dúvidas*" e incertezas; algo que a inspirou com "*garantias*" sobre as decisões a serem tomadas, confirmando-lhe interiormente a evidência de que poderia dizer que foi "*Deus*" que mostrou tudo isto para ela. Um Deus vivo em sua vida interior, como um amor que lhe foi oferecido, um Deus que respondia as perguntas que ninguém tinha sido capaz de responder e que saciava as aspirações que nenhuma pessoa poderia satisfazer; um Deus que falou com ela, que se fez próximo, deixando um rastro de sua presença, uma lei de amor que nunca mais desapareceria.

Desta vivência profunda surgiu o que Luísa chamou de "*uma fé viva e cheia de confiança*"<sup>17</sup>, uma fé enraizada, cultivada, mas impelida pela experiência do Deus vivo. Uma fé baseada na confiança que germinou profundamente dentro de si para acolher e dizer sim, dando seu "consentimento" a tudo o que aconteceria. Uma fé viva como resposta a um convite que a seduzia intensamente e ao mesmo tempo a deixava totalmente livre para dizer sim ou não.

Tudo isso aconteceu, quase simbolicamente, na festa de Pentecostes. Foi o Espírito que gerou esse "*novo nascimento*". Ele lhe inspirou o critério de autenticidade desta experiência: a adesão firme e duradoura que Luísa efetuou a este mesmo Deus encarnado em Jesus Cristo<sup>18</sup>. Isto, como qualquer outra manifestação de Deus, durante a história da humanidade, provoca "*uma alegria imensa*"<sup>19</sup>, "*uma alegria transbordante*"<sup>20</sup>, "*Nisto consiste a sua alegria: que agora se completa*"<sup>21</sup>.

### 3- TRABALHANDO A ALEGRIA

Embora a experiência da Luz tenha sido intensa e sua *fé* se tornado cada vez mais *viva e cheia de confiança*, isto não a isentou de sua colaboração ativa e confiante em um processo de crescimento. Ela fez a experiência que "*sem levar em conta minha miséria e incapacidade, Ele fará tudo em mim*", assim como "*praticar tudo o que exige (dela)*"<sup>22</sup> Tratava-se de uma convicção em uma vida espiritual: *nada se fará em vós sem vós*.

Os primeiros passos nesse novo caminho foram muito ricos em experiências gratuitas e também em tentativas e erros, esforço e compromisso. Por tudo isso, ela contou com a proximidade, o carinho, a

ajuda e a maestria de Vicente de Paulo. Não é raro que experiências importantes, mas também fugazes, desapareçam se elas não caírem em solo fértil, se não cuidarmos delas e se não as fortalecemos. Como a alegria é uma paixão cheia de vida, energia e prazer de viver, faz-se necessário trabalhá-la e permitir que se enraíze na pessoa. Ela precisava de alegria e entusiasmo para chegar a um estado de espírito que superasse as dificuldades que poderiam surgir no intenso trabalho espiritual e apostólico.

Vicente de Paulo repetia-lhes insistentemente: "*mantende-vos bem alegre*"<sup>23</sup>, "*tende, sobretudo, o cuidado de vos manter bem alegre*"<sup>24</sup>. "*Conservai-vos sempre contente na disposição de querer tudo aquilo que Deus quer*"<sup>25</sup>. Luísa se esforçava e gradualmente a paz e a tranquilidade se instalaram em seu coração. Ela encontrou meios apropriados: "*relembrando-se dos motivos e dos afetos*" que ela percebia em seu coração, e viveu em momentos específicos "*em total confiança*"<sup>26</sup>. No entanto, os motivos descobertos para manter a alegria eram muito mais importantes: "*permaneçei na alegria durante vossa viagem, pois tendes grande motivo para isso, dada a missão a que Nosso Senhor vos aplica*"<sup>27</sup>. "*Vivei, por favor, em paz, nesta confiança. Digo mesmo, vivei na alegria de um coração que deseja ser em tudo conforme ao de Nosso Senhor*"<sup>28</sup>. "*Sede bem alegre, suplico-vos. Oh! Como as pessoas de boa vontade têm grande motivo para isso*"<sup>29</sup>.

O Evangelho apresenta em momentos específicos a alegria de Jesus Cristo. É por isso que Vicente lhe diz: "*cuidareis, por favor, de vossa saúde e de honrar a alegria do coração de Nosso Senhor*"<sup>30</sup>. Como o trabalho era difícil e ela estava ocupada com muitas coisas, seu diretor a aconselhava "*adquirir uma santa alegria para o vosso coração por meio de todas as diversões que vos forem possíveis*"<sup>31</sup>. De sua parte, ela se comprometeu a trabalhar "*alegremente*"<sup>32</sup> no trabalho doméstico, em seus trabalhos pelos pobres, indo e vindo pelos caminhos. Seu amigo e diretor a encorajou: "*permaneçei, entretanto, na alegria e fazei alegremente o que tendes de fazer*"<sup>33</sup>.

Embora algumas realidades cotidianas tivessem um caráter agradável e outras menos, estava atenta aos sentimentos que despertavam em sua afetividade. "*Quando se nos apresentam coisas que nos agradam e tudo corre segundo nossos desejos, antes de nos deixarmos levar pela alegria que nos é oferecida, olhemos para Deus com um olhar interior e sejamos agradecidas à sua misericórdia que, por seu amor, nos dá este consolo. Aceitemo-lo com esta visão e unamos a isso algum ato de amor*"<sup>34</sup>.

Este olhar interior deu estabilidade às suas emoções no momento em que a perplexidade, a dor ou a aridez apareceram, ela pôde manter a suavidade, a serenidade e a paz, sem que a alegria perdesse seu peso de autenticidade.

O trabalho interior tornou-se mais forte nela por meio da ação do Espírito que a enriqueceu com seus frutos: "*amor, alegria, paz, paciência, bondade, fidelidade, mansidão e domínio de si*"<sup>35</sup>. Ele levou-a à convicção de que "*a paz interior é bastante necessária para agradar a Deus e cumprir sua santa vontade*"<sup>36</sup>.

#### **4 - DECIDI SEGUIR JESUS CRISTO NA ALEGRIA"**

O importante e alegre encontro que Luísa viveu no dia de Pentecostes em 1623 causou uma reestruturação em toda a sua pessoa no que diz respeito a Deus encarnado em Jesus Cristo, assim como uma abertura para a alegria. Comprometer-se em seguir Jesus Cristo levou Luísa de Marillac a viver uma alegria intensa, calorosa, preciosa e transbordante. Ela expressa isso em seus escritos, desta maneira: "*Visto que Jesus faz suas as nossas necessidades, é muito razoável que sigamos e imitemos sua santíssima*

*vida humana; este pensamento apoderou-se de todo o meu espírito e me levou à resolução de segui-lo abertamente, sem nenhuma preferência, mas sentindo consolo em reconhecer-me tão feliz de ser aceita por Jesus a fim de viver toda a minha vida em seguimento dEle*<sup>37</sup>.

Durante o ano de 1626, para dar uma nova direção à sua vida, ela escreveu um texto que chamou de "*Regulamento de vida no mundo*"<sup>38</sup>. Nele, ela expressa as principais linhas de seu novo projeto de vida. Ele é tão importante que ela começa a redigi-lo desta maneira, "*Esteja sempre em meu coração o desejo da santa pobreza, para que, livre de tudo, possa seguir Jesus Cristo e servir meu próximo com toda humildade e mansidão*" (SL, E. 7 (A.1), pág. 786).

Aqui estamos diante de uma mulher seduzida por uma pessoa, por sua mensagem e seu chamado, cativada por sua beleza, que é também a fonte de uma alegria infinita. O dinamismo interior que ela chamou de "**desejo**", e que estava muito ativo nela, era percebido como um movimento afetivo voltado para algo que, para ela tinha uma atração, e que dava ao mesmo tempo ao seu temperamento uma viva alegria, uma intensidade de energia para adquiri-lo. Muitas vezes esse "**desejo**" lhe era dado sem que ela tivesse que fazer algum esforço para isso<sup>39</sup>. Outras vezes, era esta sede, esta necessidade de algo que ela sabia que traria plenitude para sua vida e, portanto, alegria e júbilo. Ela precisava de **liberdade** para que nada pudesse impedir ou dificultar o seguimento de Jesus Cristo. Ela tinha "*encontrado seu tesouro*", que até então permanecia "*escondido*". Ao encontrá-lo, plena de alegria, ela foi e vendeu tudo o que tinha e decidiu "estar com Ele", "permanecer no seu amor", "seguir-lo", "servir o próximo." Mais uma vez, foi um dom recebido gratuitamente que se tornaria "*em seu interior em uma fonte de água a jorrar para a vida eterna*"<sup>40</sup> um manancial, uma alegria transbordante, um amor que não passa. O prazer e a alegria da vida começaram a se instalar em seu coração.

A relação que Luísa estabeleceu com Deus nos é manifestada com algumas notas de simplicidade, candura, alegria, liberdade e reciprocidade que nos comovem. Ela se entregava e Ele a recebia. Deus e a criatura se encontravam em uma situação de busca recíproca para dar-se e oferecer-se: "*...porém, me pareceu que nosso bom Deus pedia-me o consentimento. Dei-lho inteirinho, para Ele mesmo operar o que quisesse ver em mim*"<sup>41</sup>. Um dia, Deus lhe pediu a vontade dela, "*eu lha quero dar com total confiança e abandono à sua Santíssima*"<sup>42</sup>. Ela sentiu uma "grande alegria" porque Deus "*somente por sua bondade e amor quer ser...minha fortaleza nos mais difíceis empreendimentos por seu serviço*"<sup>43</sup>. Em uma manhã, no momento da comunhão, ela viveu o seguinte: "*pareceu-me que minha alma compreendia que seu Deus queria vir a mim, não como a um lugar de recreio ou de empréstimo, porém como em sua própria herança ou lugar que totalmente lhe pertencesse, assim portanto, não poderia eu negar-lhe entrada, mas, sendo terra viva, deveria recebê-lo com alegria como a seu soberano dono...*"<sup>44</sup>.

Outro dia, durante seu retiro, ela se surpreendeu vendo-se "*continuamente sustentada pelas graças de Deus, me parecia que tudo quanto eu era, não era senão graça, e desejava que Ele as recobrasse para, assim ser totalmente sua*"<sup>45</sup>. Era um dia de inverno, uma manhã extremamente fria, e ela teve que partir para visitar as Confrarias da Caridade nos vilarejos. Ao levantar-se, teve medo de subir na carroça, porque não se sentia bem, porém, de repente, ela se sentiu "*fortalecida*". Ela participou da Eucaristia antes de sair e escreveu: "*...fui impulsionada a fazer um ato de fé, e este sentimento durou-me muito tempo; pareceu-me que Deus me daria saúde enquanto acreditasse que, contra toda aparência, Ele poderia dar-me força, e mesmo o faria, lembrando-me, com frequência, da fé que levou São Pedro a caminhar sobre as águas. Ao longo de toda a viagem, parecia-me agir sem nenhum esforço de minha parte, com grande consolação porque Deus desejava que, embora indigna como sou, eu ajudasse meu próximo a conhecê-Lo*"<sup>46</sup>. Apenas alguns dias se passaram, e ela foi visitar a caridade do vilarejo vizinho. Durante a Eucaristia

também, com a maior discricção, simplicidade e naturalidade, aconteceu-lhe o seguinte: "...pareceu-me que Nosso Senhor me dava o pensamento de recebê-lo como ao esposo de minha alma, e mesmo, que isso estava se realizando em mim, à moda de esposais, e me senti tão fortemente unida a Deus por esta consideração que me foi extraordinária, e tive o pensamento de tudo deixar para seguir meu Esposo e de olhá-Lo doravante como tal, suportando as dificuldades que encontrasse como vindas da comunhão de seus bens"<sup>47</sup>.

Tudo era graça que embelezava o encontro, tudo era amor que lhe dava um caráter sagrado, alegria que inundava sua alma. Ela sabia, do fundo do coração, que esse esposo "*não se pode subornar e enganar, porém, conquistar-se por um verdadeiro amor...*"<sup>48</sup>.

Neste encontro vivo com Jesus Cristo, Ele tem primazia sobre qualquer outra realidade que afeta a pessoa de Luísa. "Devo livremente entregar a Jesus a possessão da minha alma, da qual já é Rei por direito próprio e tratarei de conservar a alegria, que produz em mim, em ver o desejo e a possibilidade de fazer com que cada um de nós, em particular sejamos seus prediletos"<sup>49</sup>. Ela deu a Deus o primeiro lugar em sua vida<sup>50</sup>. Ela queria tê-lo como "*único modelo*"<sup>51</sup> de sua vida. Desta experiência ela hauriu sua energia para tentar encarnar na sua vida pessoal as atitudes, sentimentos e comportamentos de Jesus Cristo. Gradativamente, a personalidade de Luísa se transforma à imagem de Jesus Cristo pela ação do Espírito. Ela não agia mais sob a pressão de um voluntarismo ético, nem economizava seu esforço para aplicar sua vontade para apoiar a mudança que o Espírito estava operando nele. Ela nos conta que sentiu "*ser avisada ou desejar que Nosso Senhor viesse a mim acompanhado de suas virtudes para comunicá-las a mim*"<sup>52</sup>. Ou quando sentiu "*o amor da humanidade santa de Nosso Senhor, para ver-me impelida à prática de suas virtudes, especialmente a mansidão e a humildade, a tolerância e o amor ao próximo*"<sup>53</sup>.

Frequentemente, durante a oração, centrada em Jesus Cristo, que mais tinha um caráter contemplativo do que discursivo, a alegria e a felicidade a invadiam. Associada ao tema em que estava centrada, conscientiza-se do "*sentimento de alegria que agora experimento*"<sup>54</sup>. Para que a oração se prolongasse ao longo do dia, ela queria "*conservar a alegria*"<sup>55</sup> que experimentou durante esses momentos especiais. Talvez a experiência que mereça ser mais evocada seja aquela que ela expressa em uma carta dirigida a São Vicente de Paulo em uma tarde de agosto, festa de São Bartolomeu, por volta de 1650: "*Meu coração, ainda repleto de júbilo, pela compreensão que, me parece, lhe deu nosso bom Deus, destas palavras: 'Deus é meu Deus! Pelo sentimento que experimentei da glória que todos os bem-aventurados lhe tributam, como consequência desta verdade, não pode privar-se de falar convosco esta tarde, para pedir-vos me ajudeis a fazer (bom uso) destes excessos de alegria'*" (SL, C.348 (L.369), pág. 387). São Vicente lhe respondeu no dia seguinte logo cedo, na margem do mesmo papel em que ela havia escrito, profundamente comovido: "*Deus seja bendito, Mademoiselle, pelas carícias com que sua Divina Majestade vos honra. É preciso recebê-las com respeito e devoção... Que felicidade ter-se uma providência tão paternal de Deus! Como isto deve aumentar vossa fé e confiança em Deus e levar-vos a amá-lo mais que nunca...Compartilharei de vossa consolação, como me proponho fazê-lo de vossa cruz...*"<sup>56</sup>.

## 5 - COM PRAZER E ALEGRIA, POR AMOR A SERVIÇO DOS POBRES

Quando Luísa de Marillac formulou as principais linhas de seu novo projeto de vida, ela estabeleceu metas que uniu com a conjunção coordenativa, "e": "**seguir a Jesus Cristo e servir ao próximo**". Esta maneira de escrever, unindo duas expressões homogêneas do ponto de vista semântico, reflete a convicção de Luísa que estas duas realidades, indicadas pelas palavras, estão intimamente interligadas e inseparáveis, em igualdade de condições pelo mistério da identidade que Cristo afirmou que

existe entre Ele e a pessoa; *"foi a mim que o fizestes"*<sup>57</sup>. O paralelismo que existe entre esta expressão e o texto do Evangelho de Marcos *"designou doze entre eles para ficar em sua companhia e enviá-los a proclamar a Boa Nova"*<sup>58</sup> é incontestável e nunca saberemos se, ao escrever ela se inspirou deliberadamente nesta passagem, ou se a reconfiguração que o Espírito fez em sua vida colocou-a em contato direto com o conteúdo da fé dessa cena evangélica.

Nós já refletimos sobre a alegria descoberta por Luísa em sua experiência no seguimento de Jesus Cristo, e também descrevemos o que ela experimentou em sua intimidade de *"estar com Ele"*. Foi o aspecto individual do Reino de Deus, a ação de Deus na transformação da pessoa para levá-la à plenitude do desenvolvimento. Entraremos agora na descoberta da alegria que vem da experiência do *"envio"* para a construção do Reino em seu aspecto social. O processo de seguir Jesus Cristo produz novas pessoas que serão capazes de construir o Reino em oposição à sociedade baseada na injustiça criadas pelo egoísmo, pela ambição, pela riqueza, pela busca do poder e do prestígio. A ação de Deus nessas pessoas comprometidas com o evangelho e ungidas pelo Espírito contribuem para o surgimento de uma nova e mais humana sociedade.

Imitando Jesus Cristo, em um processo de personalização das atitudes de Jesus, Luísa também ia de vilarejo em vilarejo e sua presença entre as pessoas sempre foi uma *"boa nova"*. Tudo começou de forma simples e alegre. *"Vosso coração vos pede para ir até lá, Senhora?"* (SV, vol. I, pág. 82) pergunta-lhe Vicente de Paulo que estava em Montmirail. A decisão é tomada: *"Ide, pois, Senhora, ide, em nome de Nosso Senhor. Peço a sua divina bondade que vos acompanhe, seja vosso consolo no caminho, vossa sombra contra o ardor do sol, vosso abrigo nas chuvas e no frio, vosso leito macio no cansaço, vossa força no trabalho e, enfim, vos reconduza em perfeita saúde e plena de boas obras"*<sup>59</sup>. Foi a primeira de inúmeras viagens apostólicas, inicialmente nos arredores de Paris, e depois em lugares próximos até o horizonte se estender a lugares distantes. Ela ia como Jesus Cristo, *"ensinando e curando"*, *"ensinando a viver"*<sup>60</sup> do evangelho, *"com grande consolação porque Deus desejava que, embora indigna como sou, eu ajudasse meu próximo a conhecê-Lo"*<sup>61</sup>. Ela estava *"feliz em participar"*<sup>62</sup> de acordo com suas capacidades do serviço aos pobres. Ela facilmente transmitia aos outros os mesmos sentimentos *"que começo feliz"*, exclama quando as Irmãs são enviadas para uma nova fundação, *"Quão felizes sois!"*<sup>63</sup>.

Luísa de Marillac viveu seu compromisso com o Reino de Deus em comunidade. Uma grande comunidade cristã ampla e intimamente unida à Igreja local. Primeiramente, ela começou a colaborar com Vicente de Paulo e as Damas da Caridade nos vilarejos, depois, com as Damas das paróquias de Paris, e mais tarde com a grande confraria das Damas do Hotel Dieu. Luísa era fascinada tanto por Jesus Cristo, quanto pelo projeto do Reino. Sua atitude alegre, determinada e entusiasta contagiava suas colaboradoras.

À medida que o serviço aos pobres se realizava através das Confrarias da Caridade, ela despertava mais a admiração das pessoas, muitas jovens procuravam-na para estar ao lado dela, para aprender e serem enviadas para servir os pobres. *"Gostaria muito de servir os pobres desta maneira"*<sup>64</sup>, disse Margarida Naseau, de uma maneira muito evangélica. Ela foi a primeira a mostrar o caminho às demais Filhas da Caridade. *"Quando penso na felicidade de todas vós, admiro que a Providência vos haja escolhido. Fazei bom uso disso e contentai o Senhor servindo a nossos amos, seus queridos membros, com devoção, doçura e humildade..."*<sup>65</sup>.

Desde o início, a alegria era o estado de espírito que acompanhava Luísa e especialmente as Irmãs, porque elas se aproximavam dos pobres *"com gosto e alegria por seu amor"*<sup>66</sup>. Elas formaram uma comunidade dinamizada por um imperativo: *"Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais*

*vos será acrescentado*<sup>67</sup>. Elas estavam felizes em experimentar, saborear e irradiar a alegria do Reino. São admiráveis as palavras que a Irmã Andréa proferiu antes de morrer: "*Não tenho pesar, nem remorso algum, senão o de ter sentido demasiado prazer em servir os pobres*"<sup>68</sup>. Vicente de Paulo estava com ela e perguntou-lhe: "*O que, minha Irmã, não tendes nada no vosso passado que vos faça temer?*" Ela acrescentou: "*Não, senhor, absolutamente nada, senão o ter tido demasiada satisfação quando ia por essas aldeias ver toda aquela boa gente; voava, tanta era a alegria que sentia em servi-los*". Vicente estava contando isto para as Damas e ele mesmo ficou surpreso ao ver a alegria que esta história provocava nelas, pois, uma delas não podendo mais conter sua alegria exclamou: "*batendo palmas diante de todas, que nunca tinha ouvido dizer semelhante coisa de alguém*"<sup>69</sup>.

Era uma alegria evangélica, alegria que é fruto do Espírito e que Jesus de Nazaré assegurou a todos que responderam ao seu chamado, ao escolher segui-lo, uniam-se ao seu projeto e se revestiam do seu espírito. Ele afirmou que eles eram bem-aventurados. Na Igreja da França a presença de Luísa de Marillac e da Comunidade que ela animava, irradiava o espírito do sermão na montanha. Ela *escolhera a pobreza* para ter mais liberdade para seguir Jesus Cristo. Seu único *desejo era o cumprimento da vontade de Deus*, o projeto que ele tinha para si e para a sociedade em que vivia.

Ela se relacionava com as pessoas, com as Irmãs, com os colaboradores e com os pobres, com doçura, compaixão e misericórdia. Toda a sua atividade ajudou a criar uma atmosfera que estabelecia a paz nas relações entre as pessoas, pela proximidade e a ajuda que ela promovia. Com o seu coração puro, Luísa fez a experiência de ver Deus nos pobres, servindo-O ao servi-los. A novidade deste estilo de vida e sua atividade possibilitaram o anúncio de que o Reino de Deus é para os pobres que sofriam por causa de sua condição de pobreza, de exclusão social, de marginalização, de maus-tratos, de fome e de doença. Eles fizeram a experiência de que Deus se lembrava deles e se aproximou deles para salvá-los. Ele aliviou suas dores e consolou-os em sua tristeza. A dedicação de Luísa junto aos mais humildes atraiu os olhares de seus contemporâneos para uma nova terra na qual Deus eleva os humildes e enche de bens os famintos. Embora este estilo de vida tivesse provocado admiração entre muitas pessoas pela alegria e amor que irradiava, este despertou em outras desconfiança, inveja, sentimentos mistos e rejeição. Elas foram ridicularizadas e os aldeões as difamaram. Um pároco impediu que Luísa revisse o funcionamento da Confraria da Caridade da aldeia e, até mesmo um bispo tentou impedir sua passagem nas aldeias de sua diocese. É compreensível que Luísa de Marillac, as Irmãs e seus colaboradores, conheçam a alegria do Reino, que se rejubilem e sejam gratas, pois seus nomes estão escritos no céu<sup>70</sup>.

## **6 - EU VOS ESCREVO PARA REGOZIJAR-ME CONVOSCO"**

A nova comunidade na qual Luísa de Marillac viveu, nutriu e expressou sua fé, estava baseada no modelo da primeira comunidade de Jesus: ela respondeu "sim" a um chamado para partir, em comunidade, em um lugar dedicado ao serviço do próximo<sup>71</sup>. Portanto, sua relação principalmente com as Irmãs, e com as demais pessoas, estava totalmente relacionada a uma resposta de fé.

Esta relação aparece em toda a sua correspondência como uma relação de amizade, fonte de alegria. Podemos dizer que, embora seja verdade que ela tivesse uma grande autoridade moral em relação aos seus interlocutores, e de fato ela exercia um papel de animadora, formadora e colaboradora, o vínculo que ela estabeleceu com eles a colocou naturalmente no mesmo nível deles. Ela possuía uma grande empatia e seu relacionamento era motivado por sentimentos de respeito, gratidão, carinho, estima e alegria. Descobriremos agora como a alegria se fez presente nos relacionamentos que ela estabeleceu com as pessoas.

Nós vimos como Vicente de Paulo ajudou Luísa a trabalhar a alegria. Ela era fascinada por seu estilo de vida totalmente evangélico, livre, aberto, alegre e entusiasta. Este modo de ser na vida, este interesse começou a exercer uma influência irresistível no ânimo de Luísa. Vicente descobriu seus valores e o potencial que ela tinha para compartilhar a tarefa primordial de sua vida: o serviço dos pobres. Para Luísa, poder recorrer a São Vicente, falar com ele, era algo valiosíssimo. Ele também experimentou um sentimento positivo de bem-estar e alegria. Ele escreveu: "*Quando tiver a felicidade de estar convosco...*"<sup>72</sup> "*Se nessa tarde eu chegar cedo, poderei ter a ventura de vos dizer uma palavra..*"<sup>73</sup> Ele reconheceu suas qualidades, o esforço de conversão que ela estava experimentando, seus sucessos. "*Sois uma mulher corajosa...*"<sup>74</sup>, dizia-lhe e a animava nas dificuldades. A alegria nascia do encontro, enquanto o sentimento de união se manifestava com evidência: "*teremos a felicidade de vos ver em Montmirail*"<sup>75</sup>. É evidente que não se tratava de sentimentos superficiais; a sensibilidade tinha evoluído em cada um deles até ficar orientada para o mais sublime da vida. Ao seu lado, ele descobriu que a alegria é um clima interior que agrada a Deus e a partir dele, ela recebeu o estímulo para torná-la mais forte em seu coração. "*Mantendo-vos com muita alegria na disposição de querer tudo o que Deus quiser. Como ele quer que nos conservemos sempre na santa alegria do seu amor, nele nos mantenhamos e a ele nos apeguemos inseparavelmente neste mundo, para sermos um dia, uma só coisa nele...*"<sup>76</sup>.

O abade de Vaux é uma das pessoas com quem mantinha uma relação muito próxima e que despertou nela a alegria. Luísa realmente confiava nele para o acompanhamento das Irmãs da Comunidade de Angers. Sua alegria é grande quando descobre que ele se recuperou de uma enfermidade, quando vê a maneira com que ele ajuda as Irmãs a superar as dificuldades da vida fraterna. Ela experimenta igualmente a alegria nas reflexões que ele fazia em suas cartas a respeito das Filhas da Caridade<sup>77</sup> Também se alegra em poder encontrá-lo e falar com ele por um momento, porque há uma grande harmonia entre os dois. "*Não saberia dizer-vos a alegria que tive ao saber que a senhora vossa Irmã se acha em Paris*"<sup>78</sup>.

Suas cartas às Filhas da Caridade dispersas em toda a França, em comunidades muito pequenas, eram também uma fonte de alegre satisfação. Ela as conhecia muito bem, conhecia suas grandes qualidades, e quase que poderíamos pensar que ela previa suas falhas<sup>79</sup>. Quando tinha a oportunidade de partilhar sobre seu estado de espírito, seu estilo de vida, sobre as dificuldades que surgiam, ela se entregava totalmente em um encontro vivo e gratificante. A preocupação também surgia do seu coração amigo, mas acima de tudo, surgia a alegria.

O fato de sentar-se em sua escrivaninha para abrir as cartas que o mensageiro lhe trazia ou para começar a escrever já era uma fonte de imensa alegria<sup>80</sup>. Para expressar sua alegria, ela utilizava expressões como "*muita alegria*", "*grande alegria*", "*grande consolo*", "*grande contentamento*", "*muito consolo*", "*consolação grande e sensível*", "*satisfação*", segundo o efeito que a leitura da carta produzia em sua afetividade. As cartas eram "agradáveis" e ela as qualificava como "*queridas*", elas "*a alegravam muito*". Às vezes, a alegria intensa transbordava de seu coração e ela não conseguia encontrar palavras para dizer o que sentia. Ela escreveu: "*Não saberia expressar-vos o consolo que meu coração experimentou ao receber vossa última carta tão querida!*"<sup>81</sup>.

O conteúdo que as Irmãs colocavam em suas cartas fazia com que ela explodisse de alegria porque recebia mensagens que a libertavam de alguma pena, ou que anunciavam boas notícias. "*Vossa confiança em falar-me cordialmente consolou-me mais do que o poderia expressar*"<sup>82</sup>. Ela se alegrava tanto que no final da carta escrevia: "*as nossas começam a chegar*" para as Irmãs que as esperavam ansiosas<sup>83</sup>; e algumas delas serviam de intermediárias para que outras, com problemas de transporte recebessem as suas<sup>84</sup>. Ela

também se alegrava quando elas lhe escreviam contando-lhe tudo "amplamente"<sup>85</sup>. Antecipando já a alegria futura na expectativa de uma carta, ela disse: "*Estou querendo notícias vossas bem cheias de detalhes... Já começo a sentir a alegria da consolação que receberei ao tomar conhecimento de todo o bem que vai dizer-me de vós*"<sup>86</sup> "*Sou-vos grata pela alegria de vossa prezada carta, cuja espera já se fazia longa*"<sup>87</sup>.

Ela não suportava bem a ausência de notícias. Assim, ela insistia para que aquelas que receavam escrever, que o fizessem, indicando a alegria que sentiria: "*Estou certa de que a Irmã Luísa desejaria escrever-me e... umas palavrinhas de sua mão muito me consolariam*"<sup>88</sup>. "*Há muito não tenho consolação de receber uma carta vossa e também, faz muito tempo que não vos escrevo, com grande pesar de meu coração que, por várias vezes me censurou por isso*"<sup>89</sup> "*Por que a Irmã Ana não me escreveu? Dar-me-ia tanta alegria! Por pior que seja sua letra, por favor Irmã Turgis, fazei com que ela me escreva!*"<sup>90</sup> "*Mas, porque não me escreveis, Irmã Ana? Rogo-vos fazê-lo de próprio punho e letra e me comuniquéis todos os vossos segredos*"<sup>91</sup>.

Quando a alegria da amizade se compartilhava e se estendia, a expressão do sentimento que surgia desse compartilhamento tinha uma vivacidade que resultava da alegria sentida. Eu vos escrevo: "*para regozijar-me convosco pelas graças que sua bondade concede às duas. Não podeis avaliar a alegria do Padre Vicente e a minha também, ao lermos vossa carta. Espero que idêntica alegria exista em vossos corações, queridas Irmãs*"<sup>92</sup>. "*As Irmãs sentirão grande alegria ao escutar a leitura de vossa querida carta que a elas escrevestes. Aproveitarei para lê-la na próxima conferência, depois de haver obtido licença do senhor Padre Vicente*"<sup>93</sup>.

A saúde das pessoas que são importantes para ela, preocupava-lhe e dava-lhe alegria: "*Não duvideis, senhor Abade, do consolo que terei quando ficar assegurada de vossa saúde*"<sup>94</sup>, "*terei grande consolo*"<sup>95</sup>, e uma Eucaristia será celebrada em "*ação de graças*"<sup>96</sup> pelo restabelecimento da saúde. "*Não há nada capaz de dar-me tanta satisfação com saber que todas gozais de boa saúde*"<sup>97</sup>.

Finalmente, a Companhia e o bem que as Irmãs realizaram em suas diferentes obras encheram sua capacidade de se alegrar: "*Esta tarde, tive um pensamento que me deu muita alegria: pela graça de Deus, elas estão melhores que no princípio. Assim, depois dos poucos anos que espero passar na terra, a Superiora que Deus lhes conceder atrairá sobre as Irmãs maiores bênçãos por seus bons exemplos. É o que de todo coração desejo*"<sup>98</sup>. Ela se alegrou porque as Irmãs estavam felizes e tinham superado as provações e dos momentos de dificuldades<sup>99</sup>. "*Como gozo pensando, queridas Irmãs, que viveis em grande união e cordialidade, pois foi a Divina Providência que vos colocou juntas*"<sup>100</sup>.

## CONCLUSÃO

Na Exortação Apostólica *Gaudete in Domino*, Paulo VI afirma que do coração humano brota um permanente chamado à alegria "*como um pressentimento do mistério divino*". Ele pede para prestar atenção a este chamado. Deus "*dispõe a inteligência e o coração de cada pessoa para encontrar a alegria, bem como a verdade*"<sup>101</sup>. Este chamado escondido nos corações das pessoas atravessa a história da humanidade em diferentes culturas e tradições religiosas.

Poetas, músicos, artistas e pessoas simples cantaram a alegria que vem de Deus. Que surpresa foi a minha quando descobri que para responder a este chamado para cantar a alegria, Johann Sebastian Bach compôs sua obra "*Jesus bleibet meine Freude*" ("Jesus alegria dos homens") e tornou-se o mais famoso

movimento e o mais querido de todas as suas cantatas<sup>102</sup>. Ludwig van Beethoven, seduzido por essa mesma alegria se sentiu inspirado por ele e daí surgiu o "An die Freude" ("Hino à Alegria"), a melodia que melhor realçou o poema Friedrich von Schiller<sup>103</sup>.

Talvez agora, mais do que em outras épocas, as pessoas aspiram ser felizes. Enquanto esse chamado não se apaga, a inteligência e o coração abrirão caminhos de busca. Aquele que segue seu instinto consegue e encontra a fonte de onde brota a alegria autêntica, a alegria mais sublime. A descoberta de quem somos e o significado da nossa vida nos permitirá entrar no dinamismo da alegria. Luísa de Marillac descobriu nela este chamado, e guiada por ele, colocou-se a caminho. Ela descobriu a verdade de sua vida: o seguimento, a imitação e a identificação com Jesus Cristo. A alegria veio ao seu encontro tanto que se poderia dizer dela: "Eu vivo, mas não sou mais eu, é o Cristo que vive em mim"<sup>104</sup>.

Esta tarde teremos a oportunidade de ouvir as palavras que São Vicente de Paulo dirigiu às Irmãs que comentaram as virtudes do fundador: "Minhas filhas, peço-vos que renoveis desde já, a resolução que fizestes de novamente vos dardes a Deus. Ah! Minhas Irmãs, se fordes fiéis a Deus e observardes as Regras, que alegria dareis à Senhora Le Gras..."<sup>105</sup>.

Irmã Carmen URRIZBURU  
Filha da Caridade

#### Notas:

<sup>1</sup> Existe uma abundante bibliografia. Ver particularmente, KAST, Verena "Reconstruir la alegria" Editora Luciémaga, Barcelona, 1994. EHRENREICH, Barbara "Una história de la alegria" [Editora Paidós, Barcelona, 2008. GRÜN, Anselm "Despertar a alegria de viver" Editora Vozes, CENCINI, Amedeo, "A alegria sal da vida cristã". 2ª edição, Editora Paulus, 2010. Ver igualmente : Exortação apostólica de Paul VI, "Gaudete domino", 1975

<sup>2</sup> CENCINI, Amedeo. "A alegria, sal da vida cristã", Editora Paulus, 2010.

<sup>3</sup> Evangelho de São João 3, 7.

<sup>4</sup> TEILHARD DE CHARDIN, Pierre "Sobre o amor e a felicidade", Editora Verus, 2005.

<sup>5</sup> Evangelho de São João 10,10

<sup>6</sup> Evangelho de São João 3, 15 e 16

<sup>7</sup> Evangelho de São João 16,22

<sup>8</sup> POINSENET, Dominique. "De la angustia a la santidad". Editora espagnole : Studium, Madrid, 1963. p. 24-25

<sup>9</sup> CHARPY Elisabeth "Contra ventos e marés, Luísa de Marillac" pág. 3

<sup>10</sup> GOBILLON Nicolas - "Vie de Mademoiselle Le Gras", Livre premier, pág. 9

<sup>11</sup> GOBILLON Nicolas - "Vie de Mademoiselle Le Gras", Livre premier, pág. 12

<sup>12</sup> CHARPY Elisabeth " Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos" E.2, pág. 779. Editora Legis Summa Ltda.

<sup>13</sup> CHARPY Elisabeth " Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos" Editora Legis, Summa Ltda, E.1, págs. 779.

<sup>14</sup> CHARPY Elisabeth " A Companhia das Filhas da Caridade nas origens - Documentos" - Doc. n° 827 pág. 1116

<sup>15</sup> CHARPY Elisabeth "A Companhia das Filhas da Caridade nas origens - Documentos" - Doc. n° 828, pág. 1117

<sup>16</sup> CHARPY Elisabeth "Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos" - E.3, pág. 781 Editora Legis Summa Ltda.

<sup>17</sup> CHARPY Elisabeth "Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos" - E.22, págs. 807 - 810 - Editora Legis Summa Ltda,

<sup>18</sup> Santa Teresa de Jesus. "Obras completas". Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1986. 8ª Edição. Libro de la Vida, capítulo 22. São João da Cruz, "Obras completas" Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1993, 5ª edição. Subida al Monte Carmelo, livro segundo, capítulo 22.

<sup>19</sup> Evangelho de São Mateus 2,10

<sup>20</sup> Evangelho de São Lucas 24, 52

<sup>21</sup> cf. Evangelho de São João 3, 29

<sup>22</sup> CHARPY Elisabeth "Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos" E. 23 (A.8), pág. 811

<sup>23</sup> Coste I, cartas 23, 24, 36, 48, 50, 61, 67, 71, 98, 109, 132, 138

<sup>24</sup> SV, vol. I, pág. 162

<sup>25</sup> SV, vol. I, pág. 39 Coste I, carta 23.

<sup>26</sup> CHARPY Elisabeth "Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos" E. 104, pág. 948 e E.11, pág. 794

<sup>27</sup> SV. Vol. I, pág. 114

<sup>28</sup> SV, vol. I, pág. 88

<sup>29</sup> SV, vol. I, pág. 161

<sup>30</sup> SV. Vol. I, pág. 177

<sup>31</sup> SV, vol. I, pág. 161

<sup>32</sup> CHARPY Elisabeth "Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos" E.7, pág. 786

- <sup>33</sup> Coste I, carta 98
- <sup>34</sup> CHARPY Elisabeth “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos» E. 104, pág. 949
- <sup>35</sup> Gal 5,22
- <sup>36</sup> CHARPY Elisabeth “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos”, E. 94, pág. 932
- <sup>37</sup> CHARPY Elisabeth “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” E. 22, pág. 808
- <sup>38</sup> CHARPY Elisabeth “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” E.7, pág. 786
- <sup>39</sup> CHARPY Elisabeth “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” E.2, pág. 779
- <sup>40</sup> Cf. Jo 4,14
- <sup>41</sup> CHARPY Elisabeth “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” E. 24, pág. 814.
- <sup>42</sup> CHARPY Elisabeth “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” E. 11, pág. 794
- <sup>43</sup> CHARPY Elisabeth “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” E. 11, pág. 794
- <sup>44</sup> CHARPY Elisabeth “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” E.13, pág. 796
- <sup>45</sup> CHARPY Elisabeth “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” E. 14, pág. 796.
- <sup>46</sup> CHARPY Elisabeth “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” E. 16, pág. 798.
- <sup>47</sup> CHARPY Elisabeth “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” E.16, pág. 799
- <sup>48</sup> CHARPY Elisabeth “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” E. 10, pág. 792.
- <sup>49</sup> CHARPY Elisabeth “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” E.22, pág. 808 e E.13, pág. 796
- <sup>50</sup> CHARPY Elisabeth “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” E. 67, nº 202, pág. 773.
- <sup>51</sup> CHARPY Elisabeth “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” E. 11, nº 34, pág. 678.
- <sup>52</sup> CHARPY Elisabeth “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos”, E. 103, pág. 948; C. 500; E. 9; E. 69, E.99; E. 60, E. 67,
- <sup>53</sup> CHARPY Elisabeth “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” E.67, pág. 898
- <sup>54</sup> CHARPY Elisabeth “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” E.10, pág. 792
- <sup>55</sup> CHARPY Elisabeth “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” E. 22, pág. 807.
- <sup>56</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” C. 348, pág. 387-388.
- <sup>57</sup> Evangelho de São Mateus 25,31-46
- <sup>58</sup> Evangelho de São Marcos 3, 14.
- <sup>59</sup> SV. Vol. I páginas 83-84
- <sup>60</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos C. 133, pág. 137; C. 227, pág. 232; C. 276, pág. 275; C. 436, pág. 412; E. 47, nº 148, pág. 738; E. 49, nº 168, pág. 753
- <sup>61</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos E.16, pág. 798. Não é o momento de se estender sobre esta ação. Ver: FLINTON, Margaret. “Luísa de Marillac. El aspecto social de su obra”. Editorial CEME, Salamanca, 1974.
- <sup>62</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” C. 59, pág. 75.
- <sup>63</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos C. 191, pág. 227.
- <sup>64</sup> SV, conf. de 24 de fevereiro de 1653, pág. 394
- <sup>65</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos C.78, pág. 98
- <sup>66</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos C.467, pág. 513.
- <sup>67</sup> Evangelho de São Mateus 6, 33.
- <sup>68</sup> SV, conf. de 25 de maio de 1654, pág. 448
- <sup>69</sup> SV, conf. de 25 de maio de 1654, pág. 448 idem
- <sup>70</sup> Evangelho de São Lucas 10,20
- <sup>71</sup> Evangelho de Marcos. Para estar com ele e enviá-los a pregar. CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos E. 3, pág.667.
- <sup>72</sup> SV, vol. I, pág. 42
- <sup>73</sup> SV, vol. I pág. 83 - cartas 22,37,255, 368 e 422
- <sup>74</sup> SV, vol. I, pág. 130 - Cartas 74,36 e 80
- <sup>75</sup> SV, vol. I, pág. 83
- <sup>76</sup> SV. vol. I, pág. 44
- <sup>77</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos”. Editora Legis Summa Ltda Carta 19, pág. 35; carta 21, pág. 37; carta 22, pág. 38; carta 24, pág. 40; carta 25, pág. 41; carta 32, pág. 46; carta 34, pág. 48; carta 47, pág. 59; carta 50, pág. 61; carta 59, pág. 68; carta 64, pág. 55; carta 69, pág. 76; carta 89, pág. 96; cata 92, pág. 99; carta 109, pág. 114; carta 200, pág. 207; carta 393, pág. 372; carta 519, pág. 482.
- <sup>78</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” C.32, pág. 48
- <sup>79</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” C. 31, pág. 47.
- <sup>80</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” Ver Cartas 43, 73, 163, 166, 225, 245, 259, 285, 294, 305, 368, 393, 406, 411, 417, 420, 430, 451, 493, 505, 528, 531, 533, 555, 556, 574, 583, 604, 609, 635, 644, 646, 669, 680, 698, 712, 713, 717.
- <sup>81</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” C.73, pág. 91
- <sup>82</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” C. 556, pág. 597.
- <sup>83</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” C. 166, pág. 193.
- <sup>84</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” Cartas 493, 505.
- <sup>85</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos”. Cartas 420, 555, 644.
- <sup>86</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” C.644, pág. 684.
- <sup>87</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” C. 669, pág. 605. C. 164, pág. 167.
- <sup>88</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” C. 160, pág. 186.
- <sup>89</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” C. 190, pág. 225.
- <sup>90</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” C. 190, pág. 225.

<sup>91</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” C. 200, pág. 236.

<sup>92</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” C. 200, pág.236.

<sup>93</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” C. 246, pág. 302

<sup>94</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” C. 19, pág. 36.

<sup>95</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” C.47, C. 174, C. 261, c.411, C. 640, C. 652.

<sup>96</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” C. 174, pág. 208.

<sup>97</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” C. 533, pág. 576.

<sup>98</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” C. 39, pág. 55.

<sup>99</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” C. 22, pág. 38.

<sup>100</sup> CHARPY ELISABETH “Santa Luísa de Marillac, Correspondências e escritos” C. 323, pág. 365; C.377, pág. 414; C. 611, pág 652

<sup>101</sup> Paul VI Exortação apostólica “Gaudete in domino” n° 5

<sup>102</sup> O texto da cantata diz que “Jesus continua sendo minha alegria, o conforto e a seiva do meu coração. Jesus refreia a minha tristeza, Ele é a força da minha vida É o deleite e o sol dos meus olhos, O tesouro e a grande felicidade da minha alma, Por isso, eu não deixarei ir Jesus do meu coração e da minha presença. Bem-aventurado sou, porque tenho Jesus. Oh, quão firmemente eu o seguro, Para que traga refrigério ao meu coração, quando estou triste e abatido. Eu tenho Jesus, que me ama e se confia a mim. Ah! Por isso não o deixarei, Mesmo que meu coração se quebre.

<sup>103</sup> No fim do texto do hino está escrito : Sigam irmãos sua rota, gozosos como o herói para a vitória. Abracem-se milhões de seres! Enviem este beijo para todo o mundo! Irmãos! Sobre a abóboda estrelada deve morar o Pai Amado. Vos prosternais, Multidões? Mundo, pressentes o Criador? Buscai-o além da abóboda estrelada! Sobre as estrelas Ele deve morar.

<sup>104</sup> Carta de são Paulo aos Gálatas 2, 20.

<sup>105</sup> SV, conferência 120, de 27 de agosto de 1660, pág. 928.

#### **IRMÃ ALESSANDRA SMERILLI, FILHA DA MARIA AUXILIADORA**

### ***A pastoral da juventude vista a partir do ângulo da vocação:***

### ***“Chamados à liberdade e à busca da vocação”***

#### **CRISTO VIVE**

A primeira Exortação apostólica do Papa Francisco, Evangelii Gaudium (EG), contém um princípio importante: o tempo é superior ao espaço. “Dar prioridade ao espaço leva-nos a proceder como loucos para resolver tudo no momento presente, para tentar tomar posse de todos os espaços” (EG 223). O longo caminho do sínodo e da publicação Christus Vivit (CV) é um exemplo de abertura de um processo que nos transformará e que não pode parar. Colocar os jovens no centro do discurso é abrir-se à novidade e ao frescor, significa colocar em diálogo as gerações, um diálogo que muda tanto aquele que fala como aquele que escuta.

“Queridos jovens, ficarei feliz vendo-vos correr mais rápido do que os lentos e medrosos... A Igreja precisa do vosso ímpeto, das vossas intuições, da vossa fé. Nós temos necessidade disto! Quando chegardes aonde nós ainda não chegamos, tende a paciência de esperar por nós” (CV 299). As últimas palavras da exortação apostólica, a longa carta que o Papa Francisco dirige aos jovens, nos dão uma chave de leitura: a estima que a Igreja tem pelos jovens, a necessidade de sua presença e de seu frescor, a alegria de vê-los nos preceder, a reivindicação de que sejam pacientes se nós, os adultos, às vezes progredimos lentamente. É aos jovens que o Papa se dirige através do seu texto, mas também a todo o povo de Deus, porque a reflexão sobre os jovens desafia a todos nós. Ele fala aos jovens com uma linguagem jovem, porém, “sem ter a pretensão de ser jovem”, para ajudar todo mundo a estar na mesma condição, a olhar para os jovens com os olhos de Deus.

Ele nos lembra que às vezes somos tentados a fazer uma longa lista dos defeitos dos jovens contemporâneos e que podemos receber aplausos por isso, no entanto, com o resultado de um distanciamento cada vez maior. A frase que ouço com maior frequência nas reuniões e em diferentes ocasiões quando falamos sobre os jovens é: "Apesar de tudo, há também algo de bom". Em uma leitura geralmente negativa - eles são inconstantes, frágeis, indisciplinados, eles queimam etapas, são incapazes de assumir responsabilidades, e assim por diante, porém, são indicados alguns sinais positivos: então "há algo de bom", e muitas vezes esse *algo de bom* é o que mais se aproxima dos nossos costumes e valores.

No entanto, o olhar daquele que é pai, mãe e orientador sabe: "*individualizar percursos onde outros só veem muros*", "*reconhecer possibilidades onde outros só veem perigos*", "*valorizar e nutrir os germes de bem semeados no coração dos jovens*" (CV 67). Parece ressoar as palavras de São João Bosco, considerado por todos, o pai e o mestre dos jovens: "*Em cada jovem, mesmo o menos favorecido, há um ponto acessível ao bem. O primeiro dever do educador é buscar este ponto, esta corda sensível*".

Somente com este olhar positivo e empático para os jovens é que podemos entrar no espírito da Exortação e em uma linguagem que pode parecer incomum em um documento oficial: como "*membros da Igreja, não precisamos aparecer como sujeitos estranhos*" (CV 36), Maria como "*influenciadora de Deus*" (CV 44), "*essa vida não é uma salvação suspensa "nas nuvens" – a espera de ser descarregada (baixada)*" (CV 252),

## **1 - A EXPERIÊNCIA DO SÍNODO**

A exortação apostólica chega até nós como a última peça, o que nos impulsiona a agir exatamente no final de uma longa jornada que foi iniciada em 2016, quando o Papa Francisco escolheu o tema da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos: "*Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*". Desde então, houve tantos documentos, questionários, reuniões, seminários de estudo envolvendo jovens e adultos, crentes e não crentes de todo o mundo. A Assembleia sinodal de outubro de 2018, portanto, foi uma peça importante no processo que já havia começado e continuará através da ação e do compromisso de cada um de nós.

*Christus Vivit* retoma muitas passagens do documento final do Sínodo e nos convida a uma leitura aprofundada, ao mesmo tempo que se desenvolve em um cenário original e é dirigido aos jovens com paixão.

Penso que para compreender o espírito que animou o caminho em direção à Exortação Apostólica, seria importante nos determos na experiência da Assembleia Sinodal e nas suas particularidades.

### ***Os pastores e o coração***

No início do sínodo em outubro, a sala sinodal estava cheia, com cerca de trezentos Bispos e auditores: representantes do mundo inteiro reuniram-se em uma sala! Muitos pensam que os Bispos não conhecem os jovens, que estão distantes e talvez eu também pensasse assim. Mas, quando os Bispos começaram a falar, a sala imediatamente se inflamou. Ela começou a vibrar. Os Bispos que ouvimos ao longo dos extensos e intensos dias de escuta, gostam dos jovens, testemunham uma Igreja que quer ser mãe e irmã, comprometida, que quer estar com os jovens, que não tem medo de ser perturbada e deixa-se comover por eles. Durante o Sínodo, fomos ouvidos com interesse e respeito, e eu diria também com

cordialidade e simpatia, garantindo pausas de silêncio entre as intervenções, para fazer as palavras ressoarem no coração e fazer uma síntese. Nós saboreamos a beleza de ser Igreja. Os momentos de franca discussão e revelação de pensamentos divergentes não faltaram: toda a assembleia, em certos assuntos, cresceu junto graças à comparação. Acho que percorri um longo caminho e mudei certas convicções que me acompanharam até o momento que cheguei ao Sínodo.

A mais bela experiência vivida no Sínodo foi contemplar a obra do Espírito Santo e ver como algumas instâncias tomaram forma. Uma palavra ressoa em uma ou mais pessoas, o silêncio a acolhe, e uma ou mais ressonâncias seguem, inclusive depois de um certo tempo, imbuídas de experiências ou provocações. Um caminho que parece estar bloqueado na Assembleia retoma vida nos grupos ou vice-versa. O Papa Francisco recomendou repetidas vezes que ouvíssemos com mais atenção o que percebíamos como menos próximo de nossa sensibilidade pessoal, e talvez, de fato, essa escuta sem preconceitos tenha criado o espaço e fez brotar sementes de novidade.

### **Os jovens**

Os jovens são a nossa terra sagrada. Muitas vezes ouço essa frase e, o Papa Francisco também a menciona no número 67 da Exortação: "...o coração de cada jovem deve ser considerado *"terra santa"*, produzindo sementes da vida divina. Talvez tenha sido apenas durante o sínodo que pude compreender o significado dessa expressão. Especialmente quando, como religiosas, convidamos jovens para almoçar. Na sala sinodal, estávamos sentados nos mesmos bancos, mas é difícil nos conhecermos bem durante o trabalho. Então, decidimos começar a compartilhar durante o almoço. Desta maneira, os jovens se tornaram para nós encontros, histórias e narrativas.

Safa veio do Iraque, ele falou com Deus pela primeira vez quando foi sequestrado e quase assassinado. Ele não quer deixar sua terra, ele quer levar o amor de Deus a outros jovens. Oksana vive a realidade de uma Igreja minoritária na Rússia. Yadira em Chicago ajuda mães solteiras imigradas para os Estados Unidos.

Outros jovens contaram suas histórias de violência familiar, de resistência, de reconciliação. Eles se esforçam para ajudar os mais jovens a viverem na paz. Eu os escutei com admiração: a vida deles é um espaço de salvação, a fé deles é um chamado à conversão. Encontrá-los significa entrar em um espaço sagrado e fazer a experiência de Deus.

Estes jovens contribuíram decisivamente com o trabalho do Sínodo. A presença deles foi fundamental. Eles fizeram suas vozes serem ouvidas. Eles pediram, primeiramente, para estarmos lá com eles de maneira informal e dedicarmos tempo para eles. Eles querem pessoas que os escutem, e não organizadores comprometidos com outras coisas. Não querem respostas, pois, sabem que devem buscá-las em seu interior. Pedem-nos que os ajudem a tirar suas dúvidas, a dar um nome às suas preocupações, a percorrer com eles uma parte do caminho. Eles nos lembram igualmente que é em comunidade que se pode amadurecer e crescer. Como eles desejam que ela seja? Aberta, alegre, unida, missionária, um lugar onde se perceba que o amor mútuo, onde todos podem ser quem são, e saber que ele tem o seu lugar no coração do outro. Eles nos fizeram entender que nada lhes falta para serem corresponsáveis. Na verdade, eles às vezes têm ideias mais claras do que as nossas, mas não querem agir sozinhos, eles precisam de nós. O Papa Francisco, na exortação, cita um provérbio: "*Se a juventude soubesse, se a velhice pudesse, não haveria nada que não pudesse ser feito*" (CV 191). À luz da experiência e do encontro com os jovens,

percebo que às vezes o oposto é verdadeiro: os jovens enxergam claramente, mas não têm oportunidade de agir, de causar um impacto.

### **O Documento Final e a Exortação**

O Documento final é constituído pelo fruto da escuta, do debate, do discernimento e da oração. Ele foi dividido em três partes: a primeira diz respeito à realidade e à condição dos jovens de hoje, a segunda procura interpretar a realidade à luz do Evangelho e da fé, e o terceiro destaca os caminhos que uma Igreja jovem e adaptada aos jovens pode realizar. Este é um documento muito rico que tentou reunir as insistências e solicitações e que se apresenta como uma síntese de todo o caminho percorrido durante toda a jornada do Sínodo, a partir da enunciação do tema em 27 de outubro de 2018. A especificidade e a riqueza das discussões sinodais são legíveis e de fácil compreensão, se compararmos o Documento final com o *Instrumentum Laboris*, que trabalhamos durante o mês de outubro. De fato, em uma leitura sinóptica dos dois documentos, destaca-se muito o que o sínodo assumiu da trajetória anterior como também as novidades, os frutos dos diálogos e o discernimento comunitário. A Exortação apostólica retoma continuamente o Documento final, enfatizando algumas intuições e reenviando-nos à sua leitura aprofundada em vista de um contexto mais pleno e enriquecido pelas vozes de todos aqueles que contribuíram no processo, incluindo os jovens não crentes, que suscitaram novos questionamentos. O Papa Francisco deseja, portanto, dirigir sua mensagem pessoal e imediata aos jovens, deixando a todos o dever de aprofundar o que emergiu do Sínodo em sua totalidade.

## **2 - OS ASPECTOS DA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA**

Os nove capítulos que compõem a Exortação propõem um itinerário bem organizado que começa pelos jovens: o que diz a palavra de Deus sobre os jovens, Jesus Cristo sempre jovem, os jovens como o agora de Deus. Em seguida, passa-se ao anúncio, ao percurso, às relações intergeracionais e à pastoral para chegar ao tema da vocação e do discernimento. Abaixo, retomamos algumas ideias que resumem a mensagem da Exortação.

### **Qual Igreja ?**

Durante os trabalhos do Sínodo surgiu o tema de uma presença mais forte das mulheres na Igreja na linha da reciprocidade, porém, nem sempre de maneira pacífica, a tal ponto que, durante uma noite festiva e de agradecimento, os jovens presentes no sínodo dirigiram-se às mulheres presentes como auditoras chamando-as de "mães sinodais". A expressão fez todos sorrirem, liberando a tensão presente no ambiente. O documento final tinha convidado a refletir sobre quanto a reciprocidade homem-mulher poderia ser frutuosa em todos os aspectos: "*.. o relacionamento entre o homem e a mulher é compreendido em termos de uma vocação que deve ser vivida em conjunto, na reciprocidade e no diálogo, na comunhão e na fecundidade (cf. Gn 1, 27-29; 2, 21-25), em todos os âmbitos da experiência humana: vida de casal, trabalho, educação entre outros. À sua aliança, Deus confiou a terra*" (Documento Final, DF13). A última afirmação é assustadora: a terra não está confiada ao cuidado dos homens, entendida como seres humanos, mas sim à aliança homem-mulher. Uma Igreja jovem tem sempre as "*portas abertas*" (CV 234) para todos, pois, "*todos os jovens, sem excluir nenhum, estão no coração de Deus e, conseqüentemente, também no coração da Igreja*" (CV 235).

## **Qual pastoral?**

O modelo da pastoral da juventude que só pode ser vocacional (254) está indicado pelo Papa Francisco no ícone escolhido durante o Sínodo, ou seja, os discípulos de Emaús.

Assim lemos no documento final: *“Jesus caminha com os dois discípulos que, incapazes de entender o sentido do que Lhe acontecera, se retiram de Jerusalém e da comunidade. Para estar em sua companhia, percorre o caminho com eles. Interroga-os e escuta com paciência a sua versão dos acontecimentos, para ajudá-los a reconhecer aquilo que estão a viver. Depois, com afeto e energia, anuncia-lhes a Palavra, levando-os a interpretar à luz das Escrituras os fatos que viveram”* (DF 4). Caminhar com os jovens, fazer caminho com eles, inclusive se caminham em direção contrária, fazer perguntas, interrogá-los, escutá-los e depois anunciar-lhes. O quê? Os três pontos fundamentais que nos lembram o capítulo quatro: Deus é amor, o Cristo nos salva e Ele está vivo, Ele está aqui entre nós: *“isso é uma garantia de que o bem pode triunfar em nossa vida e de que nossas fadigas servirão para alguma coisa”* (CV 127).

*“A pastoral juvenil, lemos na Exortação, só pode ser sinodal, ou seja, capaz de dar forma a um ‘caminhar juntos’”* (CV 206), onde ninguém deve ser deixado de lado ou se excluir. O caráter sinodal foi a marca que acompanhou o caminho do sínodo como uma compreensão renovada da Igreja sobre si mesma.

São exatamente estes jovens que despertaram em todos os participantes o caráter sinodal como dimensão constitutiva da Igreja, um caráter sinodal missionário que permite valorizar todos os carismas dados pelo Espírito, chamando-os à corresponsabilidade: *“Reconhecemos, nesta experiência, um fruto do Espírito que não cessa de renovar a Igreja e a chama a praticar o caráter sinodal como forma de ser e agir, promovendo a participação de todos os batizados e pessoas de boa vontade, cada qual segundo a própria idade, estado de vida e vocação”* (DF 119). Somente como expressão de uma Igreja sinodal é que a pastoral da juventude pode assumir esta forma. Entre as linhas de ação sugeridas pelo Papa Francisco, emerge a busca de meios para o anúncio e o crescimento, o desenvolvimento de um caminho de maturação (CV 209). No que diz respeito à busca, não há dúvidas de que os jovens são capazes de encontrar os caminhos mais apropriados. No que diz respeito ao crescimento, no entanto, é importante não confundi-lo com doutrinação, mantendo a devida distância *“Acalmemos a ânsia de transmitir uma grande quantidade de conteúdos doutrinários e procuremos, antes de mais nada, suscitar e enraizar as grandes experiências que sustentam a vida cristã”* (CV 212).

Na complexidade do mundo contemporâneo, a maturação para se tornar cristãos adultos exige um crescimento na fraternidade, oferecendo aos jovens experiências de “lar” em comunidades *“alegres, livres, fraternas e comprometidas”* (CV 220). Tornar-se leigo adulto na fé não significa “fazer” coisas, ter papéis na Igreja, mas ser testemunha de Cristo Ressuscitado lá onde vive e trabalha. O Sínodo, através do Documento Final deixou uma preciosa intuição sobre formas prolongadas de vida em comum que possam prever *“um afastamento prolongado dos ambientes e das relações habituais, e ser construída pelo menos à volta de três pilares indispensáveis: uma experiência de vida fraterna partilhada com educadores adultos que seja central, sóbria e respeitadora da “casa comum”; uma proposta apostólica sólida e significativa que deve ser vivida em conjunto; uma oferta de espiritualidade radicada na oração e na vida sacramental”* (DF 161). Através da vida em comum, a fraternidade pode crescer e o húmus amadurecer por escolhas de vida conscientes e na lógica do dom de si, mesmo sob a forma mais elevada de caridade, representada por um compromisso social e político: *“a vocação laical é, antes de mais nada, a caridade na família, a caridade social e a caridade política”* (CV 168).

## **A vocação e o discernimento**

Durante o Sínodo, as discursões sob o tema da vocação e do acompanhamento foram muito animadas. O campo deste tema foi muito amplo: passamos daqueles que descreveram a vocação como um projeto de Deus, sonhado para cada um desde toda a eternidade, ao qual todos são chamados a aderir, àqueles que afirmavam que o único chamado é o chamado à santidade. A assembleia rejeitou a ideia de conceber a vocação como a de um roteiro já escrito, uma tarefa preestabelecida, assim como uma improvisação teatral sem essências: *“Dado que Deus nos chama a ser amigos e não servos (cf. Jo 15, 15), as nossas opções concorrem realmente para a realização histórica do seu desígnio de amor”* (DF 78).

O Papa Francisco consagra na Exortação um capítulo inteiro ao tema da vocação. Antes deste capítulo, ele insistiu várias vezes sobre a contribuição única e exclusiva que cada um de nós pode oferecer através de sua vida nesta terra: *“A tua vida deve ser um estímulo profético que sirva de inspiração para os outros, que deixe uma marca neste mundo, aquela marca única que só tu poderás deixar. Ao passo que, se copiares, privarás esta terra e também o Céu daquilo que mais ninguém poderá oferecer no teu lugar”* (CV 162). A vida é considerada como uma contribuição fundamental e exclusiva através da participação na obra criativa de Deus. É na relação com Deus que este entrelaça a sua história de amor com a nossa história (ver CV 252), onde surge nossa unicidade.

Nesse sentido também, a vocação profissional alcança toda sua importância. Na Exortação, encontramos belas passagens sobre o significado do trabalho (268-273) como uma extensão da obra criadora de Deus, como a participação em um grande projeto para transformar o mundo, embora reconheçam as dificuldades atuais, reafirmando que, mesmo nas transformações realizadas ou a realizar, a dignidade do trabalhador deve estar sempre no centro das escolhas políticas e econômicas.

## **3 - E AGORA?**

O caminho do Sínodo parece ter sido concluído com o selo da Exortação Apostólica. É evidente que uma fase termina: a da escuta, da pesquisa, do estudo, do diálogo e do discernimento. Abre-se uma nova história, para a qual o Sínodo foi concebido e para o qual a Igreja se revela constitutiva e verdadeiramente sinodal: caminhar juntos para dar vida às palavras da Exortação *Christus Vivit* e de tudo o que a precedeu. Não é uma questão de organizar reuniões e estudos aprofundados, mesmo que possa ser útil, trata-se na verdade de deixar-se comover e entender o que Deus, os jovens e os tempos atuais estão exigindo de nós e também o que temos para oferecer e pedir aos jovens.

Sempre durante a meditação realizada na Pontifícia Universidade Lateranense, em 26 de março de 2019, o Papa Francisco convidou a todos a uma hermenêutica "das três linguagens que, juntas, estão sempre em harmonia: a linguagem do espírito, a linguagem do coração, a linguagem das mãos, para que pensemos o que sentimos e que fazemos e para que façamos o que sentimos e pensamos". Basicamente, foi isto que aconteceu durante a Assembleia Sinodal, quando as mais belas ideias nasceram das reflexões (espirituais) sobre as histórias de experiências concretas (coração), de olhos emocionados e que emocionaram (coração). Este é o caminho que nos espera; que nos movamos e ajamos conectando a cabeça e o coração.

Neste caminho, a proximidade é fundamental, caso contrário, ficamos limitados aos princípios que, fora de contexto, podem afastar. O salmo 144 (145, v.4) contém um versículo que é frequentemente usado na educação: *“Uma idade conta à outra vossas obras”*. Este Salmo deve ser interpretado no sentido de uma

transmissão da sabedoria, conteúdos, tradições, conquistas e sonhos das gerações anteriores àqueles que se seguem. No entanto, aqui eu tentaria uma interpretação diferente: até mesmo as novas gerações, aquelas que vêm depois, têm que contar as obras de Deus àqueles que as precederam. Devemos ser capazes de leituras sapienciais e sociológicas, que não nos colocam apenas no aqui e agora, mas nos projetam na história, nesta corrente de gerações que é o mistério do amor de Deus pela humanidade.

Se a criação é uma obra perfeita porque não está terminada, se o Espírito faz nova todas as coisas e nos conduz pouco a pouco à verdade total, se Deus não para de se manifestar, então existe uma palavra que as novas gerações têm para nos dizer neste sentido. Assim a narração e a escuta tornam-se recíprocas, símbolos dessa aliança entre homem e mulher, jovens e adultos, aos quais a terra foi confiada.

Irmã Alessandra SMERILLI  
*Filha de Maria Auxiliadora*

#### TESTEMUNHO DAS IRMÃS

*Sessão de Irmãs de língua inglesa na Casa Mãe  
de 13 a 25 de janeiro de 2019*

### **A alegria de ser vicentina! Os jovens, a fé e o discernimento vocacional.**

*Ousemos com generosidade :*

- reforçar a cultura do chamado através de um testemunho que atraia e evangelize,
- abrir nossas Comunidades para oferecer aos jovens momentos de partilha, de oração, de serviço concreto aos pobres, acompanhá-los e reler suas experiências de fé e de serviço com eles,
- comprometer-nos mais ativamente na Pastoral da Juventude e da Família nas paróquias e nos movimentos...
- participar do processo da nova Evangelização através da Pastoral e do serviço da caridade, proclamação do amor de Deus pelos pequenos (Documento Interassembleias, pág. 24).

Para responder ao Documento Interassembleias que nos pede para nos comprometermos com a Pastoral da Juventude e Vocacional, a Conselheira geral Irmã Marie Raw, convidou as Visitadoras das Províncias da Irlanda, da Austrália, da Grã-Bretanha, de Santa Luísa - EUA e Elizabeth Ann Seton a designar algumas Irmãs para participar de um encontro com o tema: “*A alegria de ser vicentina: os jovens, a fé e o discernimento vocacional*”. No dia 13 de janeiro de 2019, vinte e oito Irmãs se reuniram na Casa Mãe para aprofundar diferentes assuntos referentes aos jovens e ao discernimento vocacional. Dez conferencistas de qualidade apresentaram-nos muitas pistas de reflexão.

A primeira conferencista foi a Irmã Lynne Barron, (FCJ, Fiéis Companheiras de Jesus), que destacou a importância do discernimento e apresentou elementos básicos tendo como referência a dinâmica dos exercícios espirituais de Santo Inácio: Deus age no coração de cada pessoa e cada uma delas tem a capacidade de perceber a ação divina. Irmã Lynne lembrou-nos que Deus se manifesta através dos acontecimentos, das oportunidades, dos talentos recebidos, das relações, dos desejos, das situações

familiares... Com todos esses elementos e, colocando-nos à escuta da voz de Deus, temos condições de tomar decisões que libertam. Devemos incessantemente nos fazer as seguintes perguntas:

- Será que eu quero o que Deus quer?
- Será que eu aceito aquilo que Deus quer para mim?

Sabemos que Vicente de Paulo e Luísa de Marillac tinham apenas uma preocupação: fazer a vontade de Deus. Quanto mais profunda era a relação com Deus, maior era a preocupação para que cada decisão tomada estivesse em conformidade com o que eles pensavam ser a Vontade de Deus.

Na última parte de sua palestra, Irmã Lynne falou-nos sobre a desolação e a consolação. Ela nos exortou a buscar incessantemente a consolação para discernir a Vontade de Deus. A abertura do nosso coração a Deus deixa-Lhe a possibilidade de nos encorajar, reconfortar e iluminar. Tudo isto conduz a um aumento de fé, de esperança e de caridade que nos coloca em condições de discernir o que dá a vida e a maneira como podemos dá-la aos outros.

A segunda palestra foi realizada por Gérard Gallagher, que nos desafiou a aprender a linguagem dos jovens para compreendê-los e convidá-los ao encontro com o Cristo. Após um breve histórico das características dos jovens desde os anos 60 até hoje, ele nos estimulou a ver qual acompanhamento pode ser o mais adequado para os jovens quando eles se encontram na periferia da Igreja; devemos ajudá-los a avançar e a encontrar com eles a melhor maneira de construir a Igreja de amanhã. Gallagher descreveu como o Papa Francisco e como São João Paulo II souberam atrair os jovens, confiando neles e encorajando-os a deixar Cristo entrar em todos os aspectos de suas vidas. Antes de concluir, ele nos desafiou: “Estejam presentes! Encontrem-se com eles! Escutem-nos! Não os julguem! Encorajam os jovens a agir”.

A terceira palestra foi com Leonard J. De Lorenzo, doutor em Teologia, que se inspirou em dois textos evangélicos, o da Anunciação e dos discípulos de Emaús, para nos ajudar a “*dar aos jovens católicos meios para tomar as decisões determinantes*”. Aqui estão as quatro grandes linhas de sua palestra:

\* *A escuta da Palavra de Deus*, através do silêncio e da reflexão, a memória e a narração e a *vivência desta Palavra de Deus* através da disciplina e da misericórdia, a liberdade e o sacrifício.

\* *As razões pelas quais hoje é tão difícil escutar e agir*. O tempo dedicado à difusão contínua no Twitter e no Tinder; a rápida navegação na internet ao invés da leitura, o fato de realizar várias tarefas ao mesmo tempo, o esgotamento profissional, a solidão...

\* *A formação dos jovens para a escuta da Palavra de Deus*. Para isto, deve-se descobrir o valor da diminuição do ritmo, da paciência e da “atenção imersiva” que permite ver o que está no interior e contemplá-lo.

\* *Dar aos jovens os meios de agir em conformidade com a Palavra de Deus*. Para isto, deve-se ter um treinamento e paciência para caminhar rumo à santidade.

A palestra de Leonard De Lorenzo foi ilustrada pelos exemplos vividos com seus estudantes da Universidade Notre-Dame e das referências aos santos como Teresa de Lisieux, Maximiliano Kolbe, Madre Teresa de Calcutá. etc..

Em sua palestra muito divertida, David Wells lembrou-nos que ninguém se sente atraído pela miséria e que o mundo precisa da alegria das Filhas da Caridade. Ele fez referência ao livro de Robert

McGee intitulado “The Search for Significance” [a busca pelo significado] para ver nosso valor real através dos olhos de Cristo. McGee pensa que os jovens vivem com quatro “mentiras” que os fazem acreditar:

- que eles devem triunfar e provar seu valor antes de poderem ser úteis,
- que sua conquista deve ser reconhecida pelos outros,
- que seus fracassos mostrem quem realmente são,
- que eles são o que são e que não podem mudar.

Como membros da Igreja, devemos contestar estas “mentiras” e acompanhar os jovens a se tornarem o que Deus quer que eles se tornem. David Wells nos alertou para simplesmente amar os jovens e a não nos preocuparmos exageradamente com a sua perfeição humana e cristã.

A quinta palestra foi com Sarah Burrows, uma jovem participante do encontro pré-sinodal do Vaticano, ela explicou que a palavra-chave do Sínodo foi a escuta. As conferências episcopais convidaram trezentas pessoas do mundo inteiro para se reunir em Roma através de intercâmbios profundos e construtivos sobre a realidade dos jovens atualmente. Sarah Burrows ficou tocada pela franqueza e a coragem dos jovens que falaram sobre o tema da criação de uma nova cultura na Igreja, que ofereceria à população mundial tão diversa o sentimento de estar “em casa”, na Igreja. Os participantes do Sínodo destacaram a importância para os católicos de ir aonde estão os jovens, conhecê-los, encontrá-los nos lugares onde eles estão, estabelecer relações com eles. Por ocasião desta palestra, outros jovens se uniram a nós (Colm O’Rourke, Martin Byrne, Eoghan Geoghegan, Roy Colaco, Dervila McMorrow e Jennifer Raw). Estes seis jovens primeiramente confirmaram as convicções dos participantes do Sínodo e enriqueceram nossas partilhas nos grupos de trabalho dando um novo horizonte para a reflexão.

A sexta palestra foi dada por Dom Ralph Heskett, (CSSR, Redentorista) que nos permitiu descobrir o interior do Sínodo, explicando-nos o processo realizado nestes dois últimos anos pelo Papa Francisco para obter as informações por parte dos jovens, dos agentes pastorais junto aos jovens, dos responsáveis da Igreja no mundo inteiro. Todas essas contribuições foram reunidas em um primeiro documento. Os participantes do Sínodo estudaram, parágrafo por parágrafo. Dom Heskett observou que, em seu grupo de língua inglesa (havia quatro grupos), tinha jovens da Nigéria, da Rússia, da Austrália e da Bélgica. Após seu trabalho de grupo, as catorze partilhas em grande grupo (de dez minutos cada uma) permitiram elaborar um documento que incluía as modificações realizadas e entregá-lo aos Bispos. Além dos trabalhos de grupo, cinquenta jovens do mundo inteiro puderam se expressar, cada um tendo o direito a quatro minutos para falar; esta foi uma experiência marcante para todos. Dom Heskett ficou tocado pela profundidade da fé destes jovens assim como pelo desejo deles de encontrar o seu lugar no âmago da Igreja Católica. Quando perguntamos a Dom Heskett sobre como progredir com os jovens, ele nos respondeu que é preciso colocar sempre Jesus Cristo no centro. Depois ele nos lembrou que o Sínodo está apenas no início, que devemos continuar a acompanhar os jovens e ousar suscitar partilhas intergeracionais. Ele espera que as conferências episcopais concretizem a exortação apostólica pós-sinodal, *Christus Vivit*. Dom Heskett permaneceu conosco durante o momento da partilha dos seis jovens e nos acompanhou igualmente durante a visita à Igreja de Clichy.

Durante toda a semana, o Padre Eugênio Curran, cm, nos acompanhou, celebrou conosco a missa e participou de todos os trabalhos de grupo. Ele nos falou sobre “a alegria de ser vicentino” e nos lembrou que Deus está presente a cada instante, por isso somos chamados a reconhecê-Lo neste exato momento. Ele nos encorajou a encontrar nossa alegria naquilo que somos e que no que fazemos.

As últimas palestras foram apresentadas pelas Irmãs da Sessão: aprofundamento da utilização da tecnologia, descrição dos movimentos destinados aos jovens que existem nas Províncias: AIC jovens, Juventude Mariana Vicentina, Mini Vinis, Sociedade de São Vicente de Paulo jovens, Associação do serviço vicentino, Voluntários Vicentinos, Corpo missionário vicentino, Centro Juvenil São Vicente de Paulo, Missionários Leigos Vicentinos, Pastoral Vicentina nos Colégios e Universidades, MISEVI EUA, a evangelização paroquial e diocesana. As Irmãs comprometidas na pastoral vocacional propuseram estratégias para acompanhar as pessoas em discernimento com as Filhas da Caridade. Também assistimos a dois vídeos nos quais as Irmãs mais jovens de vocação descreveram elementos que foram importantes para o próprio discernimento.

No último dia da sessão buscamos meios para permanecer em contato, melhor colaborar e compartilhar nossas ideias. As Irmãs se reuniram por grupos de Províncias para programar ações provinciais e eventuais colaborações entre as diferentes Províncias. Agradecemos à Irmã Marie e à sua equipe pelo conteúdo excepcional assim como a possibilidade de rezar e refletir juntas. Continuamos no espírito de alegria e de esperança pedindo a Deus para abençoar nosso acompanhamento dos jovens e das pessoas em busca da vocação.

Irmã Mary Beth KUBERA,  
*Filha da Caridade*

#### RUMO À BEATIFICAÇÃO

**Irmã Cecília CHARRIN, FC**

**A Irmã dos pobres**

**França 1890 - Guatemala 1973**

Cecília nasceu em 17 de fevereiro de 1890, no Castelo de Néty, em Saint-Etienne de Ouillères, vilarejo de Beaujolais, na França, e foi batizada no dia 1º de maio de 1890. Seus pais são Maurice Charrin e Gabrielle Deverchère, e suas duas irmãs menores: Gabrielle e Isabelle.

Cecília viveu os horrores da Primeira Guerra Mundial de 1914-1918 que deixou a propriedade da família em ruínas. Com a morte do seu pai e, sendo a filha mais velha, Cecília aos 23 anos de idade assume com responsabilidade todo o trabalho da casa, toma as decisões necessárias e enfrenta os desafios da vida.

#### **Nascimento da vocação**

A própria Cecília nos relata: *“Meu tio Ernest Plati, de origem italiana, era ajudante de ordens do Principado de Mônaco e convidava-me com frequência para ir ao teatro, onde assistíamos às peças a partir do balcão pessoal do Príncipe. Durante uma dessas viagens, encontrei as Filhas da Caridade que tinham um grande hospital com diferentes serviços e gostei muito da corneta... Após a guerra, realizei o meu sonho de ser Filha da Caridade, embora minha mãe tenha sido totalmente contra a vida religiosa e tenha dito: ‘se você entrar na Comunidade, eu mesma vou incendiar o convento!’”*.

É Cristo e os pobres que urgentemente a chamam. A decisão foi tomada. Cecília pensou: “Mesmo se o convento pegar fogo, a graça de Deus o apagará”. Ao colocar a mão no arado, não vale a pena olhar

para trás. No entanto, podemos imaginar a luta que ela teve que enfrentar, a firmeza que ela provou ter para responder ao chamado de Deus que a impulsionou a assistir os pobres, levando-a assim a deixar todas as suas riquezas materiais e as coisas temporais que a aprisionavam e ousar enfrentar as ameaças maternas que pretendiam sufocar essa voz divina e o clamor dos pobres.

Ela deixou a segurança que a vida no castelo lhe oferecia, assim como o calor familiar e bateu na porta das Filhas da Caridade para entrar na Companhia em 1923. Ela mesmo nos conta: *“Fiz o meu Postulado no bairro da Villette, próximo de Paris. A Irmã que me recebeu, disse-me que quando uma pessoa entrava na Comunidade, ela nunca mais voltaria para a casa, então eu lhe respondi: ‘Foi por isto que eu vim aqui, pois quero que meu sacrifício seja completo’”*. Esta frase saiu de um coração que começava seu caminho vocacional e de santificação.

Amadurecida na fé, diante de uma decisão a ser tomada, no trabalho, nas responsabilidades, ela orientou sua vida para o amor de Cristo, inclusive na Cruz e servir os pobres de uma maneira exclusiva.

Ela fez o seu Seminário na Casa Mãe das Filhas da Caridade em Paris, onde recebeu o hábito e passou a ser chamada *“Irmã Cecília”*. Não era mais um sonho, a corneta branca que ela tinha visto em Mônaco durante sua infância e sua juventude, agora fazia parte de sua nova identidade, e ela a utilizava com muito prazer como parte do seu novo estilo de vida e sinal de sua consagração a Deus. Ela não se pertence mais, agora, ela pertence à Companhia das Filhas da Caridade e aos pobres, pois, a Companhia é para os pobres. Pouco tempo depois, ela foi enviada para Chalon-sur-Saône, onde permaneceu sete anos e pronunciou seus votos pela primeira vez, no dia 1º de maio de 1928.

Um dia, perguntaram-lhe porque ela havia escolhido a Companhia das Filhas da Caridade. Ela respondeu: *“Primeiro, porque eu me consagro ao serviço dos pobres que são os preferidos de Nosso Senhor e porque eu gostava muito da corneta das Irmãs, pois elas pareciam pombas brancas. Isto me cativou. Foi por isto que um dos meus sofrimentos foi o momento em que mudamos o hábito da Companhia para modernizá-lo e suprimir as cornetas”*.

Do início até o fim, a vida da Irmã Cecília foi uma vida de entrega e sacrifício. Referindo-se à sua Comunidade na França, ela contou: *“Eu entrei na Comunidade para fazer um sacrifício e nesta casa, eu fui muito feliz, eu nunca sofri, eu sempre fui muito feliz e, por isso, eu pedi para ser enviada para o estrangeiro”*.

Esta é a razão pela qual Irmã Cecília pediu para partir e servir os pobres no estrangeiro; ela estava muito feliz na França. Para ela ir para outro país significava o caminho aberto para o mundo, mas também para o desconhecido, para além do oceano. Deus tinha um projeto para ela, conduzi-la até a Guatemala.

A data da sua viagem para Guatemala coincidiu com a celebração do centenário das aparições da Medalha Milagrosa na Casa Mãe de Paris, e assim sendo, ela pôde viajar na companhia de um grupo de Filhas da Caridade e Filhas de Maria que tinham participado da celebração. Irmã Cecília chegou à cidade da Guatemala em 30 de agosto de 1930. A Casa Provincial tornou-se o seu novo *“castelo”*.

Devido à sua delicadeza, suas virtudes e formação, quiseram nomeá-la diretora do Seminário ou enfermeira, porém Irmã Cecília não aceitou, pois queria servir diretamente os mais pobres, socorrê-los e sobretudo organizar obras para ajudá-los a trabalhar e a viver com mais dignidade. Ela se preocupa com a promoção humana e cristã dos pobres. Com seu grande dom de persuasão, sabe suscitar a generosidade de

muitos colaboradores e obter muitos dons. A medida do amor é amar sem medida, este foi o barômetro de sua fé, de sua grande visão em favor dos pobres para criar centros de formação integral, oficinas, bolsas de estudos para torná-los atores da própria vida. O sacrifício perfeito conduz à caridade perfeita : caridade para com Deus e caridade para com o próximo.

Se as ruas da Guatemala pudessem falar, elas nos contariam que viram “ir e vir” uma dama da aristocracia convertida em “serva dos pobres”, revestida com sua atitude exterior de uma profunda humildade e simplicidade, os olhos baixos, expressão de sua modéstia com sua bolsa azul em baixo do braço.

O desafio que ela aceitou ao socorrer Cristo nos pobres foi uma resposta a sua fé cristã e a sua missão como Filha da Caridade. Tudo isto exigia uma vida de oração, de coragem, de paciência, de humildade e de perseverança, virtudes que praticou em grau heroico, pois se uma porta de bronze é difícil de abrir, quanto mais o coração do homem.

Quantas vezes ela encontrou pessoas mal - humoradas, umas por natureza e outras devido às situações difíceis pelas quais estavam passando, algumas a acolhiam com insultos, com palavras grosseiras, porém, isto não a intimidava; com a humildade que a caracteriza, continuava o seu caminho com as armas do cristão: perdão, confiança, simplicidade, etc... Ela diz: ***“Tudo isto que o senhor acabou de dizer são para mim, mas, agora, por favor, dá-me algo para os pobres”***, e muitos se deixaram tocar: *“perdão, minha Irmã, volte sempre que a senhora precisar de alguma coisa para os pobres”*. Ela responde: *“muito obrigada, senhor, que o Bom Deus o abençoe”*. De acordo com vários testemunhos, isto lhe aconteceu várias vezes com os comerciantes e as famílias aos quais ela pedia ajuda. Alguns se deixaram tocar por sua humildade e se tornaram verdadeiros colaboradores, porém outros a rejeitavam categoricamente. Muitas pessoas evitavam encontrar-se com Irmã Cecília na rua, para não ser abordado pela voz da caridade que os convidava a trabalhar em sua obra ou a dar algo para os pobres.

Para sustentar suas obras, ela fundou a Associação das Luíças de Marillac. As Damas da Caridade e as Filhas da Caridade da Casa Provincial preparavam a sopa, cuidavam de um vestiário e davam medicamentos para os doentes. Irmã Cecília fazia visitas domiciliares, oferecia uma imagem da Virgem da Medalha Milagrosa, organizava a “Semana dos Pobres” e convidava os pais dos alunos da escola a participar financeiramente do bazar da caridade para a “Semana do Pobre”.

Irmã Cecília ia sempre à feira para recolher legumes, frutas, carnes. Depois, com uma incansável bondade, ela preparava as refeições para os pobres. Ela sabia transmitir aos outros seu entusiasmo para pedir esmolas na rua: “oh, querida senhorita!”, tinha o costume de dizer às pessoas, sempre sorrindo. Irmã Cecília não vivia para si mesma, ela vivia unicamente para os pobres da Guatemala, ela não deixava nenhum pobre sem auxílio. Ela mesma nos relata: *“Na última vez que a Superiora geral veio aqui, ela me pediu para voltar para a França, então eu lhe perguntei se eu voltaria para a Guatemala e, diante da resposta negativa, eu decidi ficar. Eu dei a minha palavra ao entrar na Companhia e quero que este sacrifício se realize”*.

Quando Irmã Cecília faleceu, todos os pobres choraram, pois a “mãe” deles tinha ido embora.

Aqueles que a conheceram descrevem-na como uma mulher de 1,58 metros, magra, de olhos cinza-claros, sempre sorridente que inspirava confiança. Irmã Cecília preocupava-se com a evangelização de todos que a procuravam. Ela formava os catequistas para que anunciassem a Boa Nova de Jesus Cristo.

Nenhuma criança que desejasse fazer a primeira comunhão podia ser impedida só porque não tinha uma túnica branca. Nenhuma mulher por mais pobre que fosse deixaria de se casar sem ter um belo vestido de noiva. Nenhum aluno pobre deixava de assistir à cerimônia de formatura sem ter uma roupa adequada. Os pobres eram ajudados para que se apresentassem dignamente no trabalho.

Assim também acontecia com os homens que desejavam construir sua casa, ela conseguia o material necessário para eles. Para os pobres, Irmã Cecília tinha uma confiança incondicional na Divina Providência, ela tinha a certeza de que a Providência a ajudaria sempre para que os pobres, seus filhos prediletos, descobrissem o amor que Deus tinha por eles.

Para Irmã Cecília a oração do terço era uma boa maneira de evangelizar e convidar à oração. Ela andava sempre com o terço entre os dedos, balbuciando um Pai Nosso, uma Ave-Maria ou outra jaculatória. Ela preocupava-se em desenvolver uma verdadeira devoção marial. Quando as pessoas viam o seu comportamento humilde e modesto, eles pensavam no rosto da Virgem Maria.

Na capital e no interior do país, Irmã Cecília criou 127 centros de catequeses e os catequistas, homens e mulheres, semearam sementes de fé no coração das crianças, dos jovens e dos adultos de várias gerações.

Toda a sua obra consistiu em tornar efetivo o amor pela ação, quer seja nas ruas da cidade, na casa dos doentes ou dos pobres... de joelhos na capela através da oração pessoal e comunitária, ela ouvia a palavra de São Vicente: *“Amemos a Deus, meus irmãos, amemos a Deus; mas à custa de nossos braços, com o suor do nosso rosto”* (SV, vol XI, páginas, 41).

Amar a Deus significa amar os pobres. Não há espaço para considerações pessoais, comodidades, indiferença, estagnação, impaciência. *“Seus pés! Ah, seus pés!”*, testemunha uma mulher, *um dia quando ela voltou para a Casa Provincial, depois de ter andado pelas ruas da cidade para pedir ajuda aos pobres, ela estava mancando e havia no chão vestígios de sangue que vinham dos seus pés. Seus sapatos não tinham solas, estavam desgastados e, ao longo do caminho, o calor do chão queimara seus pés até sangrarem, porém, de sua parte, ela não expressava nenhuma queixa ou sinal de dor. A única solução foi a atenção das Irmãs em sua Comunidade, forçando-a a tirar alguns dias de repouso. Então, seu quarto se tornou uma espécie de centro de comando e coletas para que o cuidado dos pobres não fosse negligenciado”*.

Seus colaboradores diziam que ela nunca comia entre as refeições. Quando algumas famílias lhe ofereciam um café, uma bebida refrescante, Irmã Cecília o aceitava para as pessoas que a acompanhavam e, para ela pedia apenas um copo com água.

A fecunda obra da Irmã Cecília se inscreve na luz da simplicidade, do dom de si mesma à pessoa dos pobres. Ela sofreu muito por amor dos pobres: insultos, cuspidelas, humilhações, incompreensões, porém, também chuva, sol, cansaço e todas as contrariedades da vida. Porém, ao invés de desestimulá-la, ela saía mais fortalecida, assim como dizia Santa Luísa às primeiras Irmãs:

*“Ah! Que felicidade se, sem ofender a Deus, a Companhia pudesse se ocupar somente dos pobres desprovidos de tudo! (SL, E.108, pág. 957).*

Sempre de bom humor, afável e gentil, seu sorriso conseguia destruir todo tipo de muro, saudavam-na dizendo: *“Oh, minha Irmã”*. Pobre em seus bens pessoais, todo o seu tempo pertencia aos pobres, aos seus ofícios, à atenção para suas Irmãs de Comunidade.

Com suas colaboradoras leigas e as Filhas da Caridade da Casa Provincial, ela organizou a distribuição de um copo de leite com biscoitos para as crianças da escola, uma marmita de sopa e arroz para os pobres.

Caracterizada por uma verdadeira humildade em sua vida diária, ela não se preocupava com o que as pessoas pudessem dizer. Ela era simples, educada, respeitosa e cordial com todas as pessoas que nela viam uma Filha da Caridade com mãos caridosas e um coração espiritual, que inspirava confiança além do humano.

As pessoas de fé recorriam a ela:

*“Por favor, Irmã Cecília, peça a Jesus e a sua Santa Mãe por meu filho que foi expulso da escola”.*

*“Irmã Cecília, reze por meu irmão que sofreu um acidente de carro e está muito ferido”.*

*“Irmã Cecília, reze por minha esposa que está há muito tempo doente”.*

*“Irmã Cecília, peça ao céu por meu amigo que está na prisão”.*

Modesta, ela nunca expôs seus méritos pessoais que eram muitos e conhecidos. Pelo contrário, ela os escondia por trás de um leve sorriso, toda vez que ela realizava uma certa ação humanitária em favor dos pobres. Irmã Cecília sabia muito bem distinguir entre a verdadeira caridade e a filantropia. Ela conhecia muito bem a diferença entre o fato de “não ter nada” e o de “saber receber”. Como disse São Paulo, ela soube viver tanto na abundância como na pobreza, o que fazia dela uma mulher livre.

Um acontecimento marcante na vida cotidiana da Irmã Cecília, cuja data não está especificada, mas é a ‘vox populi’ (voz do povo) que diz: havia na cidade um policial que realmente não apreciava o fato da Irmã pedir esmola na rua, pois, era proibido. Durante o governo do general Jorge Ubico, um decreto que proibia a mendicância havia sido proclamado. Com base nessa lei, o policial levou a Irmã Cecília para a delegacia de polícia como uma infratora. A Irmã Cecília não demonstrou resistência. O delegado não sabia o que fazer, ele a manteve por várias horas sentada no banco dos réus. O que aconteceu? Um empregado, que trabalhava na Casa Provincial testemunhou: *“Eu a via todos os dias na rua pedindo ajuda para os pobres. Eu não posso dizer a data, mas lembro-me que no número 25 da avenida Bolívar, onde antigamente tinha uma delegacia de polícia, ela foi detida porque a mendicância era proibida na Guatemala. Alguém avisou a Superiora da Comunidade da Casa Provincial e fomos à delegacia para testemunhar que a Irmã Cecília era de fato uma Filha da Caridade de nossa Casa. Ela estava serena, tranquila e nos cumprimentou como de costume. O delegado, muito pesaroso, disse-lhe: “Irmã, a senhora está livre” e, assim, ela voltou conosco”.*

Suas Irmãs de Comunidade nunca viram nela algo que não estivesse indicado nos horários indicados pela Comunidade, desde o amanhecer até o anoitecer. O que era extraordinário, era a sua fidelidade e seu fervor pelos exercícios espirituais e a oração pessoal. Ela sempre foi um modelo. *“Sua vida espiritual e sua humildade caminhavam juntas”* testemunha uma Irmã de sua Comunidade.

Impregnada do Evangelho e do carisma vicentino, ela soube reconhecer o Cristo nos pobres. A contemplação e a oração alimentaram suas convicções de fé.

As obras que ela realizou na Guatemala, ela as enumera simplesmente assim:

- Em 15 de março de 1937, a Associação Luísa de Marillac.

- Em 15 de março de 1941, com colaboradores, ela começa uma obra para cuidar de uma centena de pessoas idosas abandonadas.

- No mesmo ano, ela criou uma creche para acolher crianças órfãs e vítimas de uma virulenta epidemia intestinal que causou uma grande mortalidade infantil.

- No dia 1º de fevereiro de 1943, ela abriu um posto de saúde que, um ano depois se tornou o Hospital Hermano Pedro de Betancourt.

- No dia 15 de maio de 1944, com oito professores, ela fundou a Escola La Milagrosa para 250 alunos.

- No dia 1º de setembro de 1946, ela abriu as portas do Atelier São Vicente para formar as mães desempregadas, ensinar-lhes o artesanato, o que lhes permitiria ter um salário suficiente e, até mesmo, criar no futuro pequenas empresas artesanais.

- Depois, ela supervisionou o Lar “El Amparo de Patojo” (Amparo ao menor), para oferecer proteção e educação a vinte e cinco crianças.

- Ela colaborou na construção da Escola São Vicente de Paulo, em Tecpán destinada a educar majoritariamente crianças indígenas.

- Tudo isto, sem contar a organização dos cento e vinte e sete centros de catequese que ela organizou assim como um Abrigo para acolher adolescentes sem recursos e instruí-las.

Aqui temos uma visão das obras fundadas e sustentadas pela Irmã Cecília ao longo dos seus 42 anos de vida missionária com o único propósito de acolher exclusivamente os pobres. Irmã Cecília nunca se sentiu lisonjeada pelas muitas honras e felicitações que lhe foram atribuídas pelo seu trabalho em favor dos pobres. Nada perturbou a pureza de seu coração. Sua felicidade era estar, não no pódio das honrarias, mas no caminho dos pobres e com eles. Seu único desejo era servi-los e servi-los da melhor maneira possível.

Todas estas obras não são fruto do acaso. Sabemos que, desde sua chegada à Casa Provincial da Guatemala, ela fora designada para colaborar na formação das Irmãs do Seminário. Após ter comprovado que não tinha as aptidões exigidas, começou os estudos de enfermeira, porém, esta também não era a sua área. Foi por isto que Irmã Geneviève Chardin afirmou: “ela foi (feita) para os pobres e para os pobres ela foi”.

Um dia, uma senhora perguntou-lhe: *"Irmã, com todas essas honras, a senhora não vai mudar?"* Ela lhe respondeu: *"não se preocupe, eu serei sempre a Irmã Cecília dos pobres"*.

Aos 83 anos, ela continuava a sair para pedir ajuda para os pobres. *"Pela manhã, eu me sinto como se tivesse quinze anos e vou de porta em porta pedindo ajuda para a construção da escola que a Irmã Leclerq está construindo em Tecpán, porém, na parte da tarde eu não aguento mais, fico com os pés doendo... Ah! Que tristeza é a velhice!"*.

Em 6 de abril de 1973, dia das bodas de ouro de sua vocação, foi um grande acontecimento. O jubileu foi celebrado na semana seguinte pelas Filhas de Maria. Ela recebeu um diploma assinado por todos os participantes. No final da missa, ela agradeceu dizendo: *"meu maior desejo é continuar cantando no céu, porém, preciso esperar o canto final"*.

Três meses mais tarde, o canto final soou: *"Agora, tu podes deixar a tua serva ir em paz"*. Irmã Cecília começou a sua caminhada para o Pai na manhã de 26 de junho de 1973. Após um acidente vascular cerebral, ela foi imediatamente internada no Hospital Hermano Pedro. Seu estado se agravou e em 13 de julho às 8h30 da manhã, ela adormeceu para se encontrar com o Pai celestial.

Conta-se que a Capela da Casa Provincial ficou muito pequena diante da quantidade de peregrinos que fizeram fila para dar o último adeus à "Irmã dos Pobres". Todos queriam testemunhar em favor da Irmã Cecília, pelos inúmeros serviços prestados.

O senhor Alvarez que trabalhava no departamento de estatística do Estado, contou-nos que ajudava financeiramente Irmã Cecília. Um dia, ele foi acusado de ser comunista e por isto ele perdeu o emprego. Apesar das recomendações da Irmã Cecília, ele nunca mais conseguiu um emprego. Passou por grandes dificuldades econômicas, teve que vender seus bens. Irmã Cecília o ajudou e finalmente, ele pode abrir uma loja que ele chamou: "meu último refúgio". Finalmente, ele criou uma tipografia ao mesmo tempo em que estudava, conseguindo formar-se em Direito.

Desde 13 de julho de 1973, quando Irmã Cecília, a "Irmã dos Pobres" da Guatemala faleceu, sua fama de santidade e sua obra em favor dos pobres permaneceram intactas até os dias atuais. Suas obras até mesmo cresceram e o espírito empreendedor e caritativo da Irmã Cecília continua vivo.

Os jornais da época dedicaram muitas páginas para anunciar sua morte: *"Uma luz se apagou na terra com a morte da Irmã Cecília"* ou *"O desaparecimento da Irmã Cecília é uma grande perda para o país"*.

Agora que ela está no céu, seus colaboradores pedem sua intercessão para continuar as obras iniciadas: *"Irmã Cecília, esta obra vos pertence. Ajudai-nos, nós vos pedimos, pois precisamos da senhora e os pobres também precisam da senhora. Ajudai-nos!"*. As obras não perderam o espírito das origens e elas são sempre muito ativas em favor dos pobres. Graças a estas obras os pobres têm sempre a esperança de encontrar o calor de um lar e de um pão para viver. Nas diferentes atividades pode-se constatar um grande amor pelos pobres, o que foi comunicado pela Irmã Cecília.

Três décadas após a sua morte e diante das obras que perduram, um Comité de Amigos da Irmã Cecília Charrin foi organizado por ocasião da visita dos Superiores da França. Estes nos estimularam a dar início ao processo de sua beatificação e canonização.

Assim, em 6 de março de 2006 a aprovação para começar a causa do processo foi apresentado pelo Arcebispo Dom Rodolfo Cardinal Quezada Toruño. Após a realização das etapas feitas em Roma, a abertura do processo aprovada.

Em 15 de março de 2006, foi dado o início ao processo de beatificação e canonização da Irmã Cecília Charrin.

Em 29 de novembro de 2006, os restos mortais da Irmã Cecília foram exumados e transferidos para a Capela da Casa Provincial das Filhas da Caridade da Guatemala. O Comité continua este longo percurso do processo. **“Eu estou aqui porque Deus me enviou”**. Após trinta anos de ausência, Irmã Cecília “voltou” para descansar em sua Casa Provincial.

A Fundação “Amigos da Irmã Cecília Charrin” tem por objetivo principal, promover este processo de beatificação para poder continuar a realizar ações em favor dos pobres e perpetuar a obra da Irmã Cecília.

Fundação “Amigos da Irmã Cecília”  
Guatemala

**Nota:**

Livro do Padre José Francisco Ramos, cm, Postulador da causa, em sua etapa diocesana e arquivos, no Museu Irmã Cecília Charrin.